O Vale do Caririí

JOAQUIM ALVES

CARACTERISTICAS FISICAS

1 — *Aspécto físico geral.* Uma entrada, pelo interior do Estado, revela-nos a diferenciação que experimenta o facie geografico, desde que se deixa a cidade de Iguatú, de Cedro para Lavras, transposto o boqueirão que o rio Salgado abriu com o volume das suas aguas, nos tempos das formações geologicas. Aurora é a porta que se abre para o Vale do Caririí, localizado no extremo sul, constituido por sete municipios: Missão Velha, Crato, Caririaçú, Juazeiro, Barbalha, Jradim e Brejo Santo, estando os cinco primeiros situados na parte anterior do grande hemiciclo que a Serra do Araripe faz na região e os dois ultimos, na parte posterior, sendo que o municipio de Jardim se encontra na curva formada pela montanha, que o isola inteiramente dos demais.

O Vale do Caririí tem como prolongamento os municipios de Santanopole e Araripe, situados na Serra, sob a influencia do meio caririense. Os sertões do sul e o Estado de Pernambuco traçam os contornos dos seus limites territoriais, que são, ao norte Varzea Alegre, Lavras e Aurora; a leste, Milagres e Mauriti; ao sul, Pernambuco; e a oeste, Santanopole e Quixará.

Limites — As divisas do Vale, ao norte, com o municipio de Varzea Alegre, têm inicio na Serra de São Bento, continuando pelo espinhaço da mesma, passa para o divisor de aguas entre os rios Machado, ao norte e riacho do Meio, ao sul, até a Serra Nova, donde passa para a ponta ocidental da serra dos Três Irmãos, seguindo por esta até a extremidade oposta, continuando para o riacho do Boqueirão que fica a meia distancia entre as vilas do Grangeiro, de Caririaçú e Extrema de Varzea Alegre, deste ponto em deante segue em linha reta para a ponta ocidental da serra das Andorinhas;

A linha divisoria com o municipio de Lavras começa na referida serra das Andorinhas, segue em linha reta para o serrote do Taquari, continuando por outra reta para a foz do riacho Jaruparí, no riacho do Rosario, segue, deste ponto em deante, em linha reta, para a ponta oriental da serra do Gois;

Ainda ao norte, com o municipio de Aurora, tendo inicio na ponta oriental da serra do Gois, continua pelo espinhaço desta serra até a

lagôa do Gois, segue em linha reta para a garganta que une a serra do Croatá á do Constantino e toma o divisor de aguas entre os riachos da Goiabeira e Sêco, a leste, e o das Lages, a oeste, em busca da foz do riacho Pai João, no rio Ginapapeiro de Cima, desce por este até a sua foz do rio Salgado, donde continua pelo paralelo tirado pela foz do referido rio, até medir 3 (três) quilometros para leste dessa confluência;

A leste Milagres, tendo inicio na extremidade oriental do paralelo referido, segue para o sul, pelo meridiano tirado por esta extremidade, até encontrar o Riacho dos Porcos, donde vai diretamente á foz do riacho Olho d'Agua Comprido, no riacho Caiçara; sobe por aquele até ás suas nascentes, na serra da Mãozinha, continua pelo divisor de aguas entre a vertente do riacho Missão Velha, a oeste, e a do Riacho dos Porcos, a leste, até apanhar o Pontal da Serra de São Felipe, de onde continua em linha reta, para a foz do riacho Oitizeiro, no rio Porteiras, a vai daí, por outra reta, para o Alto da Bôa Vista;

Ainda a leste, com o município de Mauriti, tendo inicio a linha divisoria no referido Alto da Bôa Vista, segue em linha reta para o cabêço da serra da Cana Brava, donde, em linha reta vae á extrema interestadual, no ponto de convergência da vertente do Rio Jaguaribe com as do Piranhas e do São Francisco.

Ao sul, os limites do Vale começam no referido ponto de convergencia das vertentes do Rio Jaguaribe com as dos Rios Piranhas e São Francisco, correspondente ás nascentes do riacho da Baixa Grande, estendendo-se até o meridiano das Cacimbas, onde se encontra com o meridiano que, do ponto sitado sobre a chapada do Araripe, a 6 quilometros da sua aresta setentrional superior, traçado do Alto do Leitão e prolongada para sudoeste — é tirada para o sul; segue por este meridiano até a sua origem, terminando no ponto de incidencia do meridiano tirado pela Pedra da Torre. Dentro das linhas divisoria interestaduais, encontram-se os municipios de Brejo Santo, Jardim, Barbalha e Crato.

A oeste o vale limita-se com os municipios de Santanopole e Quixará, tendo inicio a linha divisoria com o primeiro, no meridiano da Pedra da Torre, ponto terminal dos limites com Pernambuco, continuando para o norte até a mencionada Pedra, donde vai em linha reta, para a foz do riacho Fundo, no rio Cariús e desce por este até o Boqueirão do Espigão.

Com o municipio de Quixará, ainda a oeste, as divisas começam no boqueirão do Espigão, segue para leste pela comiada das serras do Espigão, Sabiá e Talhada, até o Alto do Soturno, donde vae, diretamente, até a Serra do Bom Jesus e continua por ela até o boqueirão do mesmo nome, daí a serra do Trigueiro, continuando pelo espinhaço desta, até o ponto onde se encontra com a serra de São Bento, que é o ponto inicial dos limites norte, com Varzea Alegre.

Pela extensão das linhas divisionarias, vê-se que o Vale do Cariri leva a sua influencia aos municipios contornantes, sendo uma das regiões em que o grande numero de riachos e rios, imprime á sua fisiografia uma caracteristica distinta, pela abundancia da agua que se apresenta na sua superficie e que desponta em fontes perenes, vindas dos lençois superficiais e profundos, formadas pelas aguas de infiltração da Serra do Araripe.

Dentro do territorio que constitue o Vale, encontram-se varias modalidades de terreno: os de brejo, os da falda da serra e os de carrasco. Isto porque a Serra do Araripe, fragmentando-se em pequenas serras, no ponto em que sofreu a depressão de que resultou a sua separação da serra de Ibiapina, criou, isoladamente, pequenos vales em que as caracteristicas da vida são as mesmas. E' assim que o do rio Jardim, no municipio do mesmo nome, o do rio Porteiras, o do Balsamo, em Brejo Santos, apresentam o mesmo aspecto, a mesma abundancia dagua, enquanto o do Cará entre outros, em juazeiro, apesar da sua fertilidade e ricos lençois subterraneos, não dispõe de grande quantidade dagua na superficie, necessitando para a realização da sua finalidades economica, que seja construida a barragem que terá o seu nome. São, igualmente, vales ricos em agua, o do Salamanca, em Barbalha e o do Batateira em Crato, cujas fontes proporcionam a necessaria umidade para a cultura da cama.

2 — *Relevo*. As elevações mais importantes da região são representadas pela Serra do Araripe que envolve em seu vasto semicirculo os municipios do grande vale, ramificando-se em contrafortes que tomam denominações locais.

Um circulo de serras contorna o territorio do Vale, desde a de São Bento, do Gois, Croatá e São Pedro, ao norte; São Francisco e Cana Brava, a leste; a do Araripe, ao su; e as do Espigão, Talhada, Sabiá, das Andorinhas e Trigueiro, a oeste, articulando-se esta ultima com a de São Bento.

A chapada do Araripe separa o Vale de Pernambuco, pela encosta meridional, tendo como porta aberta ás comunicações interestaduais, no municipio de Jardim, a estrada que se bifurca em dois ramos, um que vai para o municipio de Salgueiro, através da pequena planicie que se continua do sitio Bom Sucesso para diante. Outro que segue para o distrito de Macapá, fronteiriço de Belmonte. E' uma estrada mais acidentada do que a primeira, não obstante, é mais percorrida, pois fica a 72 quilometros da sede municipal vizinha, alem de ser o velho caminho para Recife. Macapá é um centro comercial intermediario, que dá saída aos produtos cearenses para o Estado de Pernambuco.

A Serra do Araripe é a formação montanhosa mais importante. Os seus primeiros estudos foram feitos pelo Dr. Marcos Macêdo, em 1858, que pesquizava a existencia de schisto betuminoso e carvão de pedra. O Dr. Capanema, chefe da Comissão Cientifica, entre 1859-1861, estudou, igualmente, a região e, modernamente, Horacio Small fez o estudo da chapada do Araripe, encontrando quatro camadas principais em sua constituição: uma de arenito vermelho, a superior, compacto e duro; uma de calcareo estratificado, contendo abundancia de peixes fosseis, outra de arenito inferior, por estar abaixo da segunda, avermelhado e branco, poroso com estratificação falsa. E' a depositaria do schisto betuminoso. A quarta se encontra entre a do arenito inferior e as rochas cristalinas, constituida por arenito conglomerado de grão grosso, avermelhado, com seixos de quartzo.

Na constituição geologica da chapada, o cretaceo é o elemento preponderante. A sua extensão orça em "180 quilometors na direção aproximada de O-L, com a largura media de 25 e 60 quilometros. As camadas cretaceas devem medir cerca de 700 metros de espessura", escreve Th.

Pompeu Sobrinho, em *Estrutura Geologica do Ceará,* in *Revista do Instituto,* volume LV, pagina 165, Fortaleza, 1941. O traço distintivo da chapada do Araripe é a porosidade das suas terras que observem, imediatamente as aguas meteoricas, fenomeno esse que se verifica até ás suas bordas, quando as rochas e as palmeiras começam a aparecer, pois no platô culminante não se encontra nenhum seixo.

Viajando-se pelo vale do Salgado, escreve S. Fróes Abreu, no artigo Schisto Bituminoso da Chapada do Araripe, na Revista do Instituto do Ceará, pouco acima da sua afluencia com o riacho dos Porcos, nota-se o afloramento da serie cretacea, constituido por camadas de arenito de grão grosso, cor avermelhada, contendo pequenos seixos de quartzo e dispostos quasi horizontalmente. Seguindo-se pela estrada Crato-Joaseiro, continua-se a encontrar do mesmo arenito, disposto do mesmo modo.

Na formação dos terrenos, de acordo com a altitude, segundo Felipe Luetzelburg, em *Estudo Botanico do Nordeste,* volume segundo, pagina 64, encontram-se os seguintes elementos:

Humos com pedras calcareas, soltas á	650	metros
Jazidas de caolim á	600	"
Jazidas de barro com areia fina, á	550	"
Arenito de grão fino amarelado, á	500	"
Arenito vermelho de grão grosso, á	450	"

Na área referida, a vegetação distribuia-se entre 650 metros de altitude e 300 :

Capoeira com isoladas palmeiras e canaviais, á	650	metros
Caatinga e a vegetação xerofila em geral, á	600	"
Palmeiras, toços de bambus com arvores de porte alto das matas extintas, á	550	"
Mata verdadeira, já muito distruida, á	500	"
Caatinga e flora xerofila em geral, á	400	"
Campos de cultura, canaviais e arrosais, á	300	"

As jazidas de peixes e pedaços de arvores fossilizadas, são encontradas entre 650 e 750 metros de altitude, em Barbalha, Jardim, Missão Velha, Crato, Brejo Santo e Santanopole.

Na parte setentrional a encosta tem uma altitude media de 600 metros, não ultrapassando, porém, na meridional, de 300 metros, o que determina a maior abundancia de fontes perenes no lado cearense, em contraste com a falta, quasi absoluta no lado pernambucano, onde se destaca apenas a do Caririsinho, no municipio de Novo Exú, sendo de observar que em outros tempos, as fontes eram em maior numero no Estado vizinho.

O Vale se subdivide em outros tantos vales, separados pelas formações montanhosas a que já nos referimos, tendo origem nos rios e riachos formados pelas fontes perenes que drenam as suas terras. As partes mais planas encontram-se nos trechos compreendidos entre Missão Velha e Milagres, constituindo um dos vales mais interessante, formado pelo rio que tem o nome do primeiro. Entre Brejo Santo, Milagre e Maurití, encontra-se outra planicie formada pelos riachos Oitizeiro, Milagres, consti-

tuidas ambas por materias, sedimentares arrastados pelas aguas dos corregos e riachos da região, apresentam-se como um centro de atividade humanas bastante desenvolvido, constituindo, a ultima a área de transição entre as terras do Cariri e as dos sertões de Pernambuco e Paraiba.

O relevo do Vale apresenta, na sua formação geologica, a predominancia das rochas calcareas, resultante da decomposição do arenito das camadas que constituem a chapada do Araripe, cuja terra barrenta e escura, é a garantia da fertilidade do Vale, em virtude da sua riqueza em elementos quimicos e organicos.

Quem rompe os sertões distantes da Baía, Alagôas e Pernambuco, onde predominam as formações xerofilas, com sua vegetação de espinho, em galgando a chapada do Araripe, pela encosta setentrional, ao atingir o alto da serra, sente logo a mudança da paizgem geografica, e mais deslumbrado fica, ao avistar do lado cearense, a natureza ressurgida na exuberancia da flora e no verde dos canaviais que pontilham a terra com o verde gaio da sua folhagem.

A vista do viandante descansa, em contemplando a natureza virente de todo o Vale do Cariri. É um oasis em meio das terras adustas dos sertões nordestinos.

Fragmentando-se em altos que se antepõem, abruptos, uns, accessiveis, outros, formando pequenos vales irrigados por corregos momentaneos que as quedas pluviais enchem nos periodos invernosos, a Serra do Araripe prende em uma moldura verde os municipios que se erguem á sua falda.

A FLORA DO VALE

A chapada da serra possui uma flora caracteristica, compreendendo três seções fito geograficas — a do *Lacre,* a da *caatinga* e a do *agreste.* A região leste da chapada é o trecho em que predomina o lacre, numa estensão de algns quilometros, onde se encontra a vegetação arbustiva, rasteira, de acentuado caracter xerofilo. Destacam-se nesse conjunto, os piquizeiros. *cariocar.* E' a vegetação que se apresenta na altitude de 600 a 700 metros, de folhas duras e rebrilhantes, de que se originou o nome dado pelo sertanejo. Entre os varios arbustos, destacam-se as solanaceas, a bigoniacea, euforbiaceas, mimosas esparramadas, melastomaceas e outras muitas, vicejando em um solo de arenito sêco.

A *caatinga* ocupa a parte oeste e sul da serra. Este revestimento floristico coincide com as condições de umidade do solo na serra e com a localização das suas fontes, exatamente, no flanco norte, proximo á Crato e Cachoeira, é que temos o maior e mais abundante lençol de agua subterraneo", *Esboço Botanico do Nordeste,* pagina 67. O resecamento da serra, criando a caatinga, faz desaparecer os ultimos vestigios das matas verdadeiras. O desenvolvimento das formações xerofilas, caracteristicas dos carrascos, cria uma vida vegetal, onde a luta pelo espaço é a nota marcante de cada individuo, procurando colocar-se em um plano imediatamente superior, afim de obter a luz e o ar, ao mesmo tempo, enquanto a busca da agua faz com que penetrem os seus filetes radiculares nas camadas mais profundas, onde a umidade exista em abundancia.

O *agreste* estende-se a 45 quilometros e mais de largura. As anona-

ceas, os Visgueiros, os Piquizeiros, predominam, ocupando o cariocar 15% da flora total, os parquias, 10% e os anacardiaceos 10%. A disposição das arvores no agreste deixam a impresão de um parque trabalhado artificialmente, distanciando-se os vegetais, uns dos outros, 20 e mais metros. O chão sempre revestido de uma camada de humos, garantia da verdura que tapeta o solo.

Entre as madeiras de construção da chapada e taboleiros do Cariri, destacam-se: o Pau d'Arco, a Maassaranduba, a Caraíba, o Angico, o Coração de Negro, o Castanheta, a Banha de Galinha, tipo Jacarandá, o Freijó, a Violeta, o Pau Amarelo, o Flavon, e ainda, o Cedro e o Balsamo que, em virtude da procura que têm, a sua madeira, vai sendo eliminado dentre as arvores tipicas da região, assim como a Violeta.

Os vestigios das ultimas matas higrofilo-megatermicas encontram-se em redor das fontes perenes, onde a umidade é maior e o humos reveste o solo, permitindo o desenvolvimento, com maior intensidade, da vida vegetal. Infelizmente os restos dessas matas tendem a desaparecer, ante a destruição permanente do homem que procura derrubar os ultimos representantes da floresta, a ferro e a fogo, afim de abrir uma *roça* a mais, no quadro exangue das formações fitogeograficas.

Descoberta a fonte, exposta á evaporação intensa as suas aguas, o seu volume, dentro de pouco tempo, começa a diminuir. Uma paizagem morta constitue-se, lentamente, naquela região, onde anteriormente, a vida era exhuberante. Quem viaja pela encosta da serra, lado cearense, observa, com tristeza, esses aspectos de destruição, continuando, através de gerações sucessivas.

Os ultimos restos das matas verdadeiras, dão a impresão de uma vida que se extingue entre as capoeiras circundantes. Os canaviais ocupam áreas vastissimas nas lombadas das serras, acompanhando os vales. São os substitutos das florestas desaparecidas.

O primitivo proceso de irrigação perde percentagem elevada da agua das fontes, pela evaporação e pela infiltração no terreno poroso.

A área que se encontra entre 650 e 700 metros, é a em que se encontram as maiores petrificações de peixes, sendo o centro de irradiação, para oeste e para leste, Porteira e Barbalha.

Os blocos de calcareos das bordas da serra, com a derrubada das matas, com a enxurrada das chuvas, desabam fragorosamente, provocando erosões profundas nos flancos da montanha, abrindo cortes, valados, soterrando culturas.

3 — *Clima.* Situado no extremo sul, distante do litoral 550 quilometros, o clima do Vale do Cariri, deveria participar da divisão regional dos climas equatoriais, qente e seco, com pequena precipitação pluvial, propria das regiões semi-aridas, no entanto, a sua posição privilegiada pelas formações montanhosas de que a serra do Araripe é a principal, criou um clima suave, temperado nas encostas da serra, quente nas cidades, gozando de uma salubridade admiravel, notadamente nas áreas mais elevadas.

A temperatura media anual nas cidades que ficam ao sopé da serra, atinge 30 graus á sombra, nos meses do estio, baixando a 26 e 24, durante o inverno, reduzindo-se a menos, entre Maio e Julho.

Caririaçú, no alto da serra de São Pedro, tem uma temperatura

media mensal de 20 gráus e anual, de 23, descendo a 15, nos meses de Maio a Julho. Seria um centro de veraneio da região, se a propaganda das suas qualidades sanitarias se processasse em todo o Estado, apresentando as qualidades climaticas da cidade, a 650 metros de altitude, equiparando-se a Guaramiranga e a serra do Estevam, faltando apenas o interesse regional, para focaliza-la nos meios turistas do norte, de onde nos chegam, anualmente, elevado numero de pessoas que, exgotadas pela luta da vida, procuram as serras do nosso Estado para se refazerem dos desgastes organicos destruidores das energias humanas.

Outro centro serrano de clima temperado, possuidor de qualidades medicinais notaveis, é a fonte de Caldas, em Barbalha, na altitude de 600 metros, a mais. As suas aguas são termicas, de propriedades radio ativas, com uma temperatura de 37 graus. Adaptada a localidade para a construção de um balneario, poderia o pequeno povoado se transformar em um grande centro de cura das molestias hepaticas. Além de um clima suave, temperatura inferior a 20 graus, possui um das mais lindas paizagens serranas, descortinando uma paizagem distante, contempla-se a cidade de Barbalha e povoados circunvizinhos, numa distancia superior a 48 quilometros.

A pluviosidade media do Vale, no decurso de oito anos, eleva-se a 900 milimetros, sendo os municipios de maior pluviosidade, Missão Velha, com 1.034, mm e Barbalha com 1.035 mm, e o que recebe menor quantidade de chuvas, Brejo Santo com 752 mm. Crato, 899,4, Juazeiro, 843,6, Jardim, 790,5.

Os numeros transcritos referem-se ao periodo de 1912 a 1920, do trabalho "Dados Pluvicometricos", relativos ao Nordeste, do professor Delgado de Carvalho, Rio 1922. Durante o periodo referido ocorreram duas sêcas, a de 1915 e a de 1919, observando-se pelo registro pluviometrico que as chuvas caidas nesses dois anos revelam a media seguinte:

Municipios	1915	1919
Crato	492,4	467,1
Barbalha	526,8	514,5
Missão Velha	578,8	412,8
Juazeiro	418,6	511,5
Jardim	260,1	424,5
Brejo Santo	276,6	516,5

Faltam os dados referentes ao municipio de Caririaçú, que não consta do referido trabalho.

No quinquenio de 1941 a 1945, os dados pluviometricos registaram as seguintes medias :

Municipios	1941	1942	1943	1944	1945
Crato	1.146,3	635,9	1.190,4	824,0	1.107,3
Barbalha	584,1	763,5	994,0	995,3	1.396,7
M. Velha	747,3	574,4	1.109,7	822,3	1.093,4
Juazeiro	753,3	390,6	860,0	531,2	1.209,8
Caririaçú	850,7	657,2	927,3	766,4	1.001,9
Jardim	598,2	567,6	556,2	815,2	811,65
B. Santo	1.118,0	680,6	1.304,3	969,6	908,8

Pelos numeros transcritos, verifica-se que os anos sêcos de menor pluviosidade, nos ultimos trinta anos, no Vale do Cariri, foram 1915 e 1919, e os municipios de menor queda dagua, no primeiro ano foram Jardim e Brejo Santo e, no segundo, Missão Velha e Jardim.

Em 1942, os municipios de menor pluviosidade foram Juazeiro e Jardim. Do exposto se conclui que, os anos de 1915 foram de sêca devastadora para o Vale, enquanto que, o de 1942, apezar da extensão da crise clima no territorio nordestino, no Cariri, a sua atuação foi de uma Sêca parcial, oferecendo possibilidades de cultura que favoreceram ao agricultor, beneficiando as populações vizinhas com a sua produção volumosa.

O municipio de Jardim, cujas aguas correm todas para a bacia do Rio Salgado, reunidas pelo Riacho dos Porcos, por sua situação, no extremo sul do Estado, por sua proximidade de Pernambuco, pela semilhança das suas formações geologicas com as do Estado vizinho, pertence mais ao quadro clinico pernambucano, do que ao proprio Vale do Cariri. As suas fazendas de criar estendem-se pela pequena planicie que serve de limites com Pernambuco, confundindo-se os seus proprietarios com os proprietarios dos municipios limitrofes, por seus interesses, por suas atividades economicas e agro-pastoris.

A Serra do Araripe é o grande centro de condensação e de humidade, onde se processam as formações chuvosas, sendo a causa da sua maior pluviosidade, resultante da elevação da encosta setentrional que detem as chuvas formadas pela evaporação das guas das fontes e dos ribeiros, pois o clima da encosta pernambucana é mais quente, o seu "lençol dagua mais profundo, a direção dos ventos gerais arrasta as nuvens primeiro do lado norte, passando por cima de uma região bem humida que é a do Brejo, caminhando ao encontro dos grandes precipicios da serra corôados com a floresta da orla. Mais condensadas por estes fatores se tornam mais pesadas e, antes que possam vencer as alturas da Chapada, se estacionam por algum tempo até que os raios solares dissipem cada vez mais a sua densidade e neste momento o vento reinante consegue, novamente, levantá-las á altura de 1.000 metros, levando-as por sobre a chapada e alcançando as extremidades pernambucanas", escreve Felipe von Luetzelburg em *Dados Basicos para o Reflorestamento do Nordeste Brasileiro*, no Boletim da Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas, Vol. 9, n. 1, 1938.

Os sertões quentes de Pernambuco, estendendo-se por dezenas de leguas, sopram ondas de ar quente que se encontram com os ventos das nuvens procedentes da encosta setentrional, reduzidas de densidade, as quais se elevando ainda mais, transpõem as altitudes da montanha e deixam de destribuir os restos de umidade que conduzem, na área sertaneja do Estado vizinho, o que determina as qualidades xerofilas da sua vegetação, muito mais acentuadas do que no Ceará.

4 — *As aguas do Vale do Cariri.* As aguas do Vale convergem, na sua totalidade, para o Rio Salgado, um dos grandes tributarios do Rio Jaguaribe, as quais são oriundas das fontes perenes que provêm das faldas da Serra e alimentam os riachos e rios que drenam as suas terras.

Riacho dos Porcos. Tem as suas origens no municipio de Jardim, no extremo sul do Estado. As fontes Cravatá, que vem da encosta meridional da Serra e a Bôca da Mata que desce da oriental, formam dois pequenos cursos fluviais que se encontram na entrada da cidade, dando origem

ao *Rio Jardim,* denominação que se adaptou ao municipio. Segue em direção á fronteira pernambucana, passa pelos sitios Mão d'Agua, Lobato e Cutuvelo, ponto em que a estrada se bifurca em dois ramos, um que segue para o municipio de Salgueiro, passa pelo sitio Bom Sucesso, extrema interestadual, e outro que se dirige para o municipio de Belmonte, passando no distrito cearense do Macapá, ponto extremo da rodovia Ceará-Recife, em seguida atravessa a linha divisoria de Brejo Santo.

São afluentes do *Rio Jardim,* pela margem direita, os riachos Cipó, Fazendo Nova, Baixio, Pinto, Riacho da Abelha e Riacho Mandacurú Pela esquerda, os riachos Correntinhos, São José, Ludovico, Algodão e João Vieira. Depois de contornar as divisas de Pernambuco, segue para Brejo Santo, onde recebe, em frente á cidade, o Riacho Balsamo, oriundo do serrote Inveja, continuando seu curso, recebe no territorio de Milagres, o riacho Porteiras, oriundo de distrito do mesmo nome, engrossado pelas aguas do Riacho Oitizeiro. Ambos entram no Rio Jardim pela margem direita. Pela esquerda despejam os riachos das Pombas e Três Olhos d'Agua, entre outras. Quando chega ao distrito Podimirim, antigo Rosario, continua o seu curso com o nome de *Riacho dos Porcos,* fazendo foz no Rio Salgado, entre os municipios de Missão Velha e Aurora.

Rio Batateiras. E' formado pelas aguas das nascentes Carrapateiras, e Batateiras, dando esta o nome ao rio, ambas a sueste da cidade de Crato, no sopé da Serra do Araripe, no sitio Curujas. A terceira grande nascente que engrossa as suas aguas é a do Grangeiro, passando, logo após na cidade do Crato, recebe, em seguida o Ponto e o Miranda, depois da reunião destes, com a largura de 1 a 2 quilometros, atravessa uma planicie de 16 quilometros para, então, entrar no municipio de Juazeiro.

São afluentes do Batateiras, no municipio de Crato, pela margem direita — os riachos Grangeiro, Santinha, Lopes, Romualdo, São José e Perú. Pela margem esquerda — Carrapateira, Lobo e Agua Fria.

No municipio do Juazeiro são afluentes do Batateiras, pela margem direita, os riachos São José, Pedrinha e Chumbada. Pela esquerda, o riacho Pau Sêco, o rio Carás e os riachos São Gonçalo, Amaro Coêlho, Pau Vermelho e Malhada das Pedras.

Rio Carás. Nasce no municipio de Santanopole, no sitio Olho d'Agua de Santa Barbara, e, marginando a serra do Araripe, penetra no municipio de Crato, atravessando-o para, então, penetrar no do Juazeiro a noroeste, cortando-o na direção do suleste.

No municipio do Crato o rio Carás recebe, pela margem direita, os riachos Carneiro, Inferno, Jardim, Cotias, e Correntin; pela esquerda, os riachos, Mata, Correntinho e Catingueira.

São afluentes do Carás, no municipio de Juazeiro, pela margem direita, os riachos Alegre e Marêta; pela esquerda, Carneiro e Espinho originarios do municipio de Caririaçú.

Rio Salamanca. As nascenças Caldas e Santo Antonio, a oeste do municipio de Barbalha, no sopé da serra do Araripe, são as formadoras do rio Salamanca que, pela margem esquerda, recebe os riachos — do Melo formado pela nascença de igual nome, sendo engrossado pelo Rozario, e das Lages e o Seixinho aumentado pelas aguas de Salôbro e Agua Suja formado pels corregos Macaúba e Gitó e o riacho Pôdre. As aguas do riacho Caldas são engrossadas pelas do Santo Antonio no sitio Frutuoso,

pelas de Pôdre, no sitio Caça, Toma o nome de riacho Caldas, quando recebe o riacho do Melo no sitio Cabaceiras, a 18 quilometros, aproximadamente, da cidade e a 9 da sua fonte. Ainda pela margem direita, recebe o riacho São Francisco, formado pelas aguas dos sitios Bôa Vista e Riacho do Meio, despejando no Salamanca distante da cidade de Barbalha, 12 quilometros, mais ou menos e as do riacho do Ouro formado pela nascença Tupinambá, engrossado pelo riacho Sêco, despeja suas aguas na saída da rua e a Malhada, ultimo tributario da margem esquerda.

Rio Missão Velha. Vem da reunião das aguas das nascenças localizadas no sopé da Serra do Araripe, ao sul do municipio. Banha o distrito de Missão Nova e recebe, pela margem direita, os riachos Fundo e Sêco e, pela esquerda, os riachos Palmeira e Freitas. De uma e outra margem pequenos corregos vêm engrossar as suas aguas. Na Serra da Mãozinha (distrito de Goianinha, desce o riacho Mãozinha que faz foz no riacho Varzinha, despejando este no riacho Coité, nas divisas interdistritais de Misão Velha e Missão Nova, onde formam o riacho Sêco afluente do Missão Velha.

O rio Batateiras recebe o Carás proximo do distrito Marrocos, no municipio de Juazeiro. O rio Salamanca encontra-se com o Batateira no municipio de Misão Velha, a 12 quilometros da Cachoeira, onde as suas aguas se reunem ás do Missão Velha e descem, todas reunidas, para se despejarem no riacho dos Porcos, a 15 quilometros da cidade de Missão Velha, entre os distritos de Ingazeira do municipio de Aurora e o da séde já referida. Deste trecho em diante, o Riacho dos Porcos, com a reunião las aguas do municipio de Crato, São Pedro, Juazeiro, Barbalha e Missão Velha, toma o nome de Rio Salgado, principal afluente do rio Jaguaribe.

Fontes perenes do Vale do Cariri. Eleva-se a 161 o numero de fontes que drenam as terras de brejo do grande Vale, assim distribuidas:

Jardim	23
Brejo Santo	12
Missão Velha	21
Crato	75
Barbalha	30
Total	161

Os municipios de Juazeiro e Caririaçú na serra de São Pedro, não pussuem fontes, sendo que este ultimo possui vales fertilissimos, emquanto o primeiro, localizado em uma planicie arenosa, espera tudo da construção o açude Carás, no rio do mesmo nome, cujo projeto vem sendo objeto de estudo, ha alguns anos.

Quedas d'agua. Dentre as mais importantes, destacam-se a do Batateiras no municipio de Crato, com força de 135 H P, e mais duas pequenas. O mesmo rio Batateiras tem uma barragem em Juazeiro cuja força aciona a uzina hidro-eletrica que ilumina a cidade.

As fontes mais notaveis da região encontram-se no municipio de Jar-

dim — Bôca da Mata, Cravatá, Bôa Vista, Cafundó, Laranjeira, Cauto e Olho d'agua; em Barbalha — Caldas, Cruz, Melo, Brejão e Santa Rita; Em Crato — Batateiras, Granjeiro e Lameiro; em Missão Velha — Gameleira, São Domingo; em Brejo Santo — Nascença, Bôa Vista, Avultam as de pequena capacidade em todos os municipios, que constituem a riqueza das propriedades agricolas, prestando-se á irrigação dos terrenos, sendo muitos engenhos movidos por *roda dagua* que aciona os engenhos que possuem instalação de agua nas casas grandes dos sitios de cana onde o radio e a luz eletrica imprimem á vida rural um acentuado sentido de progresso.

A redução da agua do Vale. O dr. Marcos Macêdo, em 1871, tratando da redução das aguas do Salgado, atribuia o fato a irrigação em grande escala, feita pelos agricultores. "Fazendeiros estabelecidos nos ferteis terrenos, afastados 10 a 12 quilometros da base da serra do Araripe vão abandonando as suas lavouras por falta de agua de regra, e mesmo entregando as suas terras á criação de gado. No principio deste seculo (XIX), um especulador de nome Mamede, no intuito de entreter um pequeno comercio de cavalarias e transportes por meio de bestas de carga, encendiou muitas dezenas de quilometros de floresta, entre Jardim, Crato Exú e Brejo Grande (atual Araripe), ensaiou e arraigou no espirito dos habitantes o uso barbarico e ante economico de deitar o fogo na serra do lado de Crato, visto que na parte de Jardim as magestosas florestas estão aniquiladas na extensão de 50 quilometros, desde a grande sêca de 1792, com as retiradas de gado que desde essa epoca se fazem para a chapada do Araripe. Nas chapadas das serras os incendios anuais têm por objetivo a renovação do pasto; nas faldas e em baixo da serra, as queimadas se fazem para a incineração e condimento da terra, e destruição das serpentes", citado pelo Senador Pompeu na Memoria sobre o Clima e Sêcas do Ceará, pagina 42).

A queima da chapada do Araripe é um dos fatos que produzem maior dano ao reflorestamento da região e ocasiona a redução do graude umidade e, consequentemente a redução do volume das fontes perenes estendo-se até o sopé da montanha, prolongando-se pelos terrenos adjacentes aos brejos. O registo feito pelo dr. Marcos Macêdo assinala um costume que se continuou e continua sendo posto em pratica, criando uma vegetação xerofila, destruindo os restos de matas verdadeiras.

Nos fins do seculo passado, a redução das aguas já se fazia sentir assustadoramente, no presente, o desaparecimento de muitas fontes, alimentadas por lençois superficiais, regista a persistencia do fato que deve merecer a atenção dos administradores, afim de que a qualidade mais importante do Vale, não venha, com o decorrer dos tempos, a desaparecer — a abundancia da agua, que não é mais a mesma que os primeiros povoadores conheceram e que está se reduzindo de geração a geração.

O problema da conservação da agua do Vale do Cariri foi estudado pelo dr. Marcos Macêdo, reproduzido na Memoria citada, preconizando a construção de um sistema de comportas, aplicado, não só ás principais correntes, como, igualmente, aos corregos perenes, a partir de certas distancias das suas nascenças, até os vales que se acham sêcos no verão.

Não obteve a cooperação dos seus contemporaneos, o dr. Marcos Macedo, na tarefa nobilitante em que se empenhou. E as aguas das fontes

continuaram a diminuir pela evaporação, pela infiltração através dos canais de irrigação abertos rudimentarmente, pela ausencia de matas que eram a proteção das fontes nos tempos primitivos.

Informa o Senador Pompeu no *Ensaio Estatistico*, volume II, pagina 109 "que a formação dos brejos de Crato oferece um fenomeno raro, mas curioso, que indica a sua existencia moderna. Cavando-se uma cacimba, com a agua que sahe da terra vem peixe, o que comprova que existem massas dagua subterraneas, cobertas, pelos paús que formam os brejos. Em algumas partes esses novos terrenos ainda formam ilhas flutuantes". Isso ocorria em 1869. Não temos um seculo decorrido e as condições de umidade estão inteiramente modificadas. Identicas informações colhemos, pessoalmente, no municipio de Jardim, dos moradores mais antigos, segundo os quais, ha cincoenta anos, as aguas da nascença Bôca da Mata irrigavam os sitios que ficam a 18 quilometros e, hoje, não atingem 6 quilometros, estando os brejos reduzidos, conservando apenas a umidade local dos lençois subterraneos, encontrando-se grande parte de terrenos valorizados, ocupado pelo *capim de burro*.

Além das queimadas sistematicas, registadas por Macêdo, registamos as derribadas estensas no sopé da serra, em todos os municipios, descobrindo as fontes, para o plantio de cana em terras que se exgotam dentro de pouco tempo.

Açudes. Para atenuar a redução do volume das aguas do Vale, os agricultores recorreram a construção das barragens e dos açudes, reservatorios que permitem a conservação do precioso liquido, conforme a capacidade de coletora :

Em Joazeiro existem os seguintes:	
Sabiá, capacidade para	160.000 mm3
Marôto capacidade para	130.000 mm3
Monteiro capacidade para	250.000 mm3
Espinhos capacidade para	230.000 mm3
Sêco capacidade para	871.000 mm3
Sussuarana capacidade para	100.000 mm3
Total	741.000 mm3

POVOAMENTO DO VALE

Nos fins do século XVII, em 1688, as agitações dos índios dos sertões do São Francisco ao Rio Grande do Norte, determinaram um movimento de fôrças das Capitanias compreendidas nessa grande área. É assim que no govêrno do Arcebispo Frei Manuel da Ressurreição, dois capitães- mores da jurisdição de Pernambuco, marcharam de São Francisco para o Rio Grande do Norte, respectivamente André Pinto Correia e Pedro Aranha Pacheco. O primeiro foi mandado em socorro da Capitania do Rio Grande do Norte e do Governador dos Paulistas Domingos Jorge Velho. Tarefa semelhante teve o segundo, informa Borges de Barros, em *Bandeirantes e Sertanistas*, páginas 167-169 e 190-192.

No govêrno de D. João Lencastro o coronel Manuel Araujo de Carvalho, residente em uma das fazendas do Rio São Francisco, recebeu a in-

cumbência de dar combate aos índios. "Êste fazendeiro armou 150 homens a sua custa e com êles subiu o São Francisco. No sertão do Pajeú estacionou um ano, para vencer a desperada resistência do gentio que o ocupava. Com as vitórias conquistadas pôde seguir para os sertões de Piranhas, em auxílio do Capitão-mór Teodósio de Oliveira Lêdo que enfrentava os Banatis. Continuou Manuel de Araujo a conquista do Piancó e do Rio do Peixei, na qual lhe foram necessários anos, informa Barbosa Sobrinho em *Pernambuco e o Rio São Francisco*, página 119, Recife, 1920, concluindo com uma citação de Loureto Couto; "conquistadas estas Capitanias, metidas de paz todas as nações que habitavam Pernambuco, poderam os portugueses fazer suas habitações em todas as partes, assim marítimas como do sertão, aumentaram-se as fazendas de gados vacuns e cavalares".

A antiga Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, banhada pelo Pajeú, compreendia os territórios de vários municipios atuais, inclusive Belmonte, que foi a porta que deu passagem aos que, vindo do São Francisco, procuravam as terras do Ceará.

Nas correrias contra os índios do São Francisco ao Rio Grande do Norte, os homens d'armas dos tempos do govêrno de Frei Manuel da Ressurreição aos de D. João Lencastre, convergiram para as aréas ocupadas pelas tribus habitantes dos territorios limitrofes do Ceará, com Pernambuco e Paraíba.

Exú, no sopé da serra do Araripe, lado pernambucano, foi conhecido nos fins do século XVII por habitantes do São Francisco que, em visitas sucessivas aos índios da região, terminaram fixando-se no local onde atualmente se encontra a cidade de igual nome, onde, no início do século XVIII, religiosos da Ordem de Jesus construiram um convento, cujas ruínas ainda se encontram no sítio Exú Velho.

Vila Bela, na bacia do PaJeú, "até 1700 era uma fazenda que servia de centro para grande número de estradas que se cruzavam: a da ribeira do Pajeú, á margem do São Francisco, a dos Cariris Novos, no Ceará, e a do Piancó, na Paraíba, escreve Sebastião de Vasconcelos Galvão, no *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico*, páginas 214-215, Volume II, Rio, 1908.

Pelo exposto se verifica que, desde os fins do século XVII, os sertões do sul do Ceará estavam em contacto com as populações das Capitanias de Pernambuco e Paraíba, recebendo dos habitantes das mesmas visitas, quer fossem fazendo reconhecimento das suas terras, quer fossem para fixação definitiva.

Rodeadas como se encontravam, naqueles tempos, por uma população movediça, de bandeirantes que procuravam terras para a instalação dos seus currais, só se pode admitir que as ricas terras do Vale do Cariri não tivessem sido visitadas, pois, encontrando-se do outro lado da serra, Exú, os viajantes tiveram conhecimentos preciosos dos indigenas habitantes da região, devastadores eméritos das regiões que ocupavam. Os homens d'armas do Coronel Araujo de Carvalho que vieram das margens do São Francisco e estacionaram nos campos do Pajeú, continuando viagem até Piancó, receberam, em virtude da própria missão que desempenhavam, informações sobre as terras de Maurití, distante 30 quilômetros das do Piancó, bem assim das de Milagres e Brejo Santos.

Afirmamos que o Vale do Cariri foi visitado nas últimas decadas do

século XVII, por homens de Pernambuco e Baía, não só em virtude do que fica exposto, como, igualmente, das datas de sesmarias, requeridas em 1680, embora não tenham sido ocupadas as referidas terras cedidas. Naqueles tempos era mais fácil o contacto com a região de Pernambuco do que com a do Ceará, facilidade essa que se continuou através do tempos coloniais e depois da Independência, no Império e na República, sendo a via de comunicação sempre a mesma: a estrada que leva a Macapá-Belmonte.

Antonio Bezerra em *Algumas Origens do Ceará, Fortaleza,* 1918, contesta, ás páginas 92-93, a entrada de pernambucanos ou baianos no território cearense pelo sul do Estado, em virtude da altitude e das dificuldades que as ladeiras do lado cearense e pernambucano apresentam aos que se propõem a atravessá-las, afirmando que, a região que permitia entrada comoda para o Ceará seria o atual territorio de Campos Sales. Concluiu o ilustre historiógrafo conterraneo que "para o Ceará só se conheciam três estradas, pelo Jaguaribe, pelo riacho do Figueiredo, no municipio de Limoeiro do Norte e pelo rio do Peixe, a sair pelo Umarí". Êste é o aspéto falho das suas afirmações, em se tratando do povoamento do Vale do Cariri, pois, já em 1688, se encontram os sertões do Pajeú, em toda a sua extensão, ocupados pelo homem, assim como o sopé da serra do Araripe, existindo a referida *estrada Caririí-Vila Bela,* estendendo-se a penetração ás fronteiras cearenses ligadas aos territórios de Belmonte e Piancó, sendo as comunicações daqueles tempos efetuadas através das duas grandes estradas descritas por Joffily, Notas sobre a Paraíba, Rio, 1892, página 140, notando-se que as estradas a que se refere Antônio Bezerra são oriundas da *estrada de Seridó* que parte de Campina, e, em Patos, se divide em dois ramos, o da esquerda que se dirigia para o Piancó e o da direita que seguia para as fronteiras cearenses, no Umari.

A bandeira de Domingos Jorge Velho que entrou no Ceará deve ter-se orientado, ao se afastar do Rio São Francisco, pelo curso do Pajeú, alcançando uma das suas nascenças, contravertente da outra de Piancó, por onde facilmente teria passado. Acresce, ainda notar que foi essa estrada a que serviu no decurso de muitos anos, informa, ainda Joffily, para o transporte de gado vindo do São Francisco, para a fundação das fazendas paraíbanas, sendo ainda a via de comunicação que serviu a Teodósio Lêdo para as suas comunicações com a capital da Capitania.

Limitando o conhecimento do Ceará, nos fins do século XVII, a ribeira do Jaguaribe, Antônio Bezerra diz que foram os paulistas do Mestre de Campos Matias Cardoso, "os únicos que pisaram o solo cearense e bateram aqui os tapuias durante os anos de 1691 a 1694, instalados no arraial que foi depois Aracatí", página 69. A luta contra os gentios foi levada aos gentios pelos sertões do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, convergindo os homens d'arma para o território paraibano, contornando ou atravessado o Ceará pelos Cariris Novos e por Mauriti e Milagres, pelas referidas portas abertas na ribeira do rio do Peixe e Belmonte, parte integrante da ribeira do Pajeú, onde estacionara Manuel Araujo de Carvalho, durante um ano, partindo desse pouso para a conquista do Piancó e do rio do Peixe.

O povoamento do Cariri foi objeto de controvérsias entre João Brigido e Antônio Bezerra. Aquele publicando os seus primeiros trabalhos

no jornal *Araripe*, em 1858, depois reunido em volume, publicado em *O Ceará*, edição de 1919, Rio. Escreveu o velho jornalista que "o Cariri foi descoberto e principado a povoar por aventureiros baianos, partidos do Rio São Francisco de 1660 a 1680, muito antes do govêrno de Sebastião de Sá no Ceará". Êste é o primeiro fato histórico registado. Em tôrno do mesmo constituiram-se algumas lendas que motivaram as controversias referidas, entre as quais a do *negro escravo da Casa da Torre, aprisionado pelos Cariris*, que se elevou, por sua inteligência a chefia da tribu, tendo sido êsse escravo quem ensinou o caminho do Caríri aos portuguêses. Apesar do sentido lendário de que se reveste a tradição recolhida por João Brígido, na primeira metade do sécudo XIX, observa-se, pelos conhecimentos posteriores, que realmente, os homens do Rio São Francisco tinham o costume de fazer incursões aos territórios que ficam ao sopé da serra do Araripe, do que resultou a instalação dos primeiros povoadores do Exú, pelos fins do século XVII. Acresce ainda que é no período decorrido entre 1680-1689 que se registam os primeiros requerimentos de datas de sesmaris, segundo se encontra nos volumes das *Datas de Sesmarias*, publicados pelo Govêrno do Ceará, aos quais teremos de nos reportar do decorrer do presente trabalho.

A época em que se registou o levante geral dos índios das tribos Caririś, Cariús, Calabaças e outras que habitavam ás margens do São Francisco, os territórios da Paraíba, Rio Grande do Norte, foi, justamente, a dos referidos decenios, que determinou o deslocamento de homens d'armas do São Francisco para a região atingida pelo levante, bem como o terço da Mestre de Campo Matias Cardoso que viajou pela estrada do litoral paraibano, seguindo para o forte do Arraial, donde irradiou a sua atuação para as terras cearenses e riograndenses.

Em uma ação miltar tão complexa, não se pode admitir que, encontrando-se os homens de Oliveira Lêdo estacionados na entrada do Ceará, que é o sertão do Pajeú-Belmonte, durante um ano, tenham se conservado inativos. É importante notar que, quem vem de Belmonte, atingindo Macapá, encontra-se entre duas estradas: a que segue para Brejo Santo e a que vai para o Vale do Jardim. A primeira levou os sertanistas dos séculos XVII e XVIII, ás terras de Missão Velha, Porteiras e Brejo Santo. A segunda os conduziu ás cabeceiras do Riacho dos Porcos: *Pedomirim* e *Quimami*, dos indigenas

Essas terras foram as primeiras requeridas em datas de Sesmarias no decênio de 1680-1690.

Acreditamos que o povoamento do Ceará se processou simultaneamente, no litoral, no sertão e no sul. Grupos de associados requeriam sesmarias, conjuntamente, nas terras do norte, do litoral, ribeira do Salgado e afluentes, riacho dos Porcos, com os dois nomes referidos, dentro do período referido, renovando o requerimento, quando, decorrido o tempo, se fazia necessário manter a posse, pedindo cancelamento das datas cediadas e não ocupadas, como foi o caso das *das cabeceiras do riacho dos Porcos*, pedidas no decenio de 1680 e, novamente pedidas em 1703. Admitir que o povoamento se processou, uniformemente, da foz do Jaguaribe para as suas nascenças, bifurcando-se na entrada do Salgado, acompanhando o curso desse rio até o Vale do Cariri, é simplificar demais o problema das gerações daqueles tempos. Admitir que a luta contra o tapuia interrompia o

movimento expansionista para o interior, é desmentir a tradição das lutas coloniais pela posse da terra. Localizar em uma área limitada a influência de um chefe de tropas regulares, esquecendo a atuação de outros chefes, em outras regiões, como aconteceu ao tempo das grandes revoltas tapuias, que determinaram a vinda de chefes paulistas e baianos para os vazios setores atingidos pela luta, não se explica, pois, a ação foi conjunta, atuando um, o Mestre de Campo Matias Cardoso, na região limitrofe Ceará-Rio Grande do Norte, outro, Manuel Araujo de Carvalho, na zona limitrope Ceará-Pernambuco-Paraíba, em harmonia com Teodosio Lêdo de Oliveira. O espírito de penteração do sertanista era atraido para as regiões desconhecidas. E assim o fez, devassando o Cariri antes dos criadores do Jaguaribe.

Ao mesmo tempo em que eram concedidas as sesmarias do Jaguaribe, igualmente, eram as do Riacho dos Porcos, acrescendo que, os mesmos requeriam nas duas regiões ao mesmo tempo. Moradores na Baía, em Goiana e na Paraíba e Rio Grande do Norte vieram se instalar em terras caririenses.

Das sociedades constituídas para as aquisições de terras, muitos abandonaram, uma grande parte dos requerentes, porém, permaneceu fiel ao seu objetivo. Fixaram-se á terra. Trabalharam os seus campos, criaram os seus rebanhos e fundaram as primeiras famílias da região que ainda hoje se encontram domiciliadas no Vale.

Outro aspeto interessante a se registar, é a afinidade que o Vale sempre manteve e mantém com as populações de Pernambuco e Paraíba, conservando as suas tradições históricas, as suas relações de família, o seu comércio interestadual, desde a Colônia até os dias presentes. O caririense prefere as fazendas de Pernambuco e Paraíba para criar, ás do Ceará. Conduz os seus gados, anualmente, para os sertões dos Estados vizinhos. Sobe os seus rebanhos, durante o estio, para a chapada do Araripe, desce, no inverno, para a fazenda, em Salgueiro, Granito, Bodocó, Leopoldina ou Belmonte. Reside uma parte da sua vida no sertão pernambucano ou no paraíbano. Trabalha a terra e sente a vida da terra. É o poder da tradição que o prende aos seus antepassados do lado dos Estados vizinhos.

Em Crato, Barbalha, Jardim, Brejo Santo e Juazeiro os criadores cearenses possuem terras em Pernambuco; em Mauriti e Milagres, possuem terras na Paraíba. Registam-se, igualmente, criadores, crateuses nas fazendas do Piauí.

O intercambio comercial e social é permanente. Os interesses domésticos são comuns. As lutas de família reunem os homens do Cariri, de Pernambuco e da Paraíba nos grupos presos pelos laços de sangue nos respectivos Estados, tomando o partido que os parentes tomam, esquecendo os limites interestaduais, comparecem com os seus homens d'armas, na hora necessária da luta. Foi assim em todos os séculos da vida colonial, no Império e na República.

E ainda continua com as mesmas normas. As famílias se entrecruzam. Os laços endógenos são mais comuns do que os exógenos. A tradição estreita o círculo. As gerações se sucedem dentro do mesmo ritmo.

6 — O homem do Cariri não difere fundamentalmente do cearense de outras regiões, mas oferece alguns traços interessantes por suas divergências de atitude, de orientação. Não houve no Cariri, apezar do predomínio

da cultura da cana, grande mestiçagem afra. As estatisticas revelam no decurso do seu desenvolvimento demográfico, um pequeno coeficiente de sangue afro no caririense; no entanto o elemento indígena contribuiu com percentagem avultada para a sua formação étnica.

A permanência do contacto com Pernambuco e Baía imprimiu ao caririense uma atração marcante pelas terras marginais do grande Rio. É assim que se justifica a atração dos seus filhos para o São Francisco, sertões pernambucanos e piauienses, com indiferença pelos sertões cearenses, sendo de notar-se que as migrações do Cariri orientam-se sempre no sentido dos Estados do Sul, nunca na orientação do norte, não se registando deslocamentos de importancia para a Amazônia. A preferência foi e continua sendo Baía e Pernambuco.

Nas grandes crises climatéricas, se bem que o Vale não seja atingido, as terras sêcas dos seus municípios experimentam as consequências do flagelo, ocasionando o deslocamento das suas populações para os municípios do rio São Francisco, na margem baiana ou pernambucana, quando não ocorre ao caririense tomar a direção de São Paulo ou Goiás.

O Vale do Cariri é o centro de convergência das populações da bacia do São Francisco, atraídas, duarnte mais de meio século, pela lenda de Juazeiro do Padre Cicero. Homens das populações rurais de Alagoas, Baía, Pernambuco, Piauí e Estados mais remotos, como Goiaz, procuravam a cidade caririense para o pagamento das suas promessas, consultas ao Padre Cícero e transações comerciais. Dezenas de milhares vieram pelas velhas estradas dos sertões a procura de um alívio para o espírito, sequioso de uma comprovação das verdades espirituais. Milhares fixaram-se no Vale, outros tantos ficaram fazendo a peregrinação de Juazeiro, num intercambio constante de idéias, de sentimento. A influência que exerceram essas migrações de carater religioso, foi notável pela persistência do seu reflexo na vida regional.

Uma das consequências imediatas da convergência das populações marginais do São Francisco foi o crescimento populacional de Juazeiro, o município de população mais densa do Estado, refluindo o excesso de emigrantes para os municípios vizinhos, concentrando-se nas proximidades do santuário da sua devoção.

De 1929 a 1931, os invernos foram escassos nos sertões pernambucanos, paraíbanos e riograndense do norte, enquanto no Cariri a colheta ultrapassava á espectativa, convergindo para os municípios do Vale troupeiros que compravam cereais e rapaduras, e caravanas de emigrantes que vinham se *encostar* ás propriedades agrícolas afim de atravessar o período calamitoso, escrevíamos em o *Jornal do Comércio* do Rio, de 21 de Outubro de 1934, em artigo sobre *As migrações do Rio São Francisco para o Vale do Cariri.*

É interessante o sentido das migrações cearenses, quando as crises climáticas se fazem sentir, continuadamente. Antes de se declarar a sêca de 32, as populações dos sertões cearenses, açoitadas por três anos de sêcas parciais, no vale do Jaguaribe, Quixeramobim e Inhamuns, sem pastos para seus rebanhos, nem gêneros alimentícios, deslocaram-se em massa para o Piauí, Maranhão e Goiás, enquanto os filhos de Alagôas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, vítimas da mesma inconstancia clímica, procuravam o Vale do Cariri, onde os brejos e as fontes perenes ga-

rantiam alguma colheta, e a chapada do Araripe proporcionava uma safra de piquí, garantia da alimentação de algumas centenas de famílias, duarante a crise.

Fato idêntico verificou-se na sêca de 42, sendo mais avultado o número de flagelados dos Estados vizinhos que procuraram a chapada da serra, ao mesmo tempo que os nossos sertanejos se deslocavam na direção da Amazonia e o caririense buscavam a bacia do São Francisco.

7 — Datas de Sesmarias do Vale do Cariri. Transcrevemos as datas de Sesmarias do Vale na ordem cronológica das concessões, para melhor orientar a marcha da sua ocupação.

1 — N.° 79 — Ao Capitão Manuel Carneiro da Cunha e ao Capitão Manuel Rodrigues Ariosa, três léguas de terra para cada um, nas cabeceiras do Rio Salgado, começando da Cachoeira dos Cariris , da parte de dentro, pelo riacho acima, até entestar com o fim da lagoa dos Cariris. Concedida em 12 de Janeiro de 1703, pelo Capitão-mór Jorge de Barros Leite. Volume 2.°, página 13 — Datas de Sesmaria. Fortaleza, 1921.

2 — N.° 83 — A Bento Correia de Lima e Simão Correia de Lima, no Riacho Quimami, (dos Porcos), na testada do coronel Antônio Farias da Piedade, três léguas para cada um. A petição foi deferida por não terem os primitivos sesmeiros que requereram as referidas terras em 1688, efetuado a posse respectiva, segundo despacho. Vol 2.°, página 23. Os requerentes eram residentes em Goiana, Pernambuco. (5-2-1704).

3 — N.° 125 — Aos Capitães Bento Correia Lima e João Dantas Aranha, três léguas de comprido e uma de largo para cada um, no riacho dos Porcos, no lugar que faz barra. Cedida em 21 de Março de 1703, vol. 2.°, página 117.

4 — N.° 126 — Ao coronel Simão de Góis e Vasconcelos e Antônio de Brito, na testada do capitão João Dantas Aranha, 3 léguas de comprido e 1 de largo a cada um. Cedida em 12 de Abril de 1703. Vol. 2.°, página 119.

5 — N.° 91 — A Domingos da Cunha Serqueira e ao Capitão Gaspar dos Reis, moradores na Paraíba, 3 léguas para cada um, na testada do alferes Pedro Dantas Barros, no riacho Podimirim, com 1 de largo. Cedida em 21-1-1704. Vol. 2.°, página 39.

6 — N.° 87 — A Francisco Pereira e Maria Fialho, 3 léguas para cada um, na testada de Francisco Pereira de Castro, no riacho Quimami. As terras referidas foram pedidas em 1688, mas não foram ocupadas. Cedidas em 26-1-1704. Os requerentes são moradores em Goaiana. Volume 2.°, página 31.

7 — N.° 88 — A João de Barros Pereira e Da. Júlia Fialho, 3 léguas de terra para cada um, na testada de Francisca Pereira, no riacho Quimami. Cedidas em 27-1-1704. Os requerentes são de Goiana. As terras pe-

didas foram pedidas em 1688, mas não foram ocupadas. Vol. 2.°, página 33.

8 — N.° 86 — A Francisco Pereira de Castro e José Pereira de Castro, 3 léguas de comprido na testada de José Correia Lima, com 1 de largo, no riacho Quammmi, atual dos Porcos. Os peticionários são de Goiana. Cedida em 28-1-1704. Vol. 2.°, página 29.

9 — N.° 85 — A José Correia Lima e Bento Correia Lima, 3 léguas de terra para cada um, no riacho Quaimmi. As terras requeridas foram cedidas em 1688, mas não foram ocupadas. Cedida em 28-1-1704. Os requerentes são de Goiana. Vol 2.°, página 27.

10 — N.° 84 — A Maria da Conceição Pacheco e Sebastião Pacheco, 3 léguas de comprido e 1 de largo, no riacho dos Porcos, na testada de Bento Correia Lima. As terras pedidas foram requeridas em 1688, mas os sesmeiros não ocuparam. Cedidas em 31-1-1704. Os requerentes são de Goiana, Pernambuco, vol. 2.°, página 25.

11.° — N.° 92 — Ao capitão Bento Correia Lima e capitão Antonio de Barros Leite, na testada das terras de Luiz Pereira da Cunha, 3 léguas de terra para cada um, no riacho Podimirim. Cedida em 11-2-1704. Os requerente são moradores em Goiana, vol. 2.°, página 41.

12 — N.° 95 — A Joana de Lara e Maria de Lara, moradores em Pernambuco, 3 léguas de terras no riacho Podimirim, hoje dos Porcos, na testada do Capitão Bento Correia Lima e do capitão Antônio de Barros. Cedida em 12-2-1704, vol. 2.°, página 47.

13 — N.° 94 — A José de Lara e Atanazio de Castro, moradores em Pernambuco, 3 léguas de comprido com 1 de largo, na testada de Joana de Lara e Maria de Lara, no riacho Podimirim. Cedida em 13-2-1704. Vol. 2.°, página 45.

14 — N.° 24 — Ao coronel Antônio Francisco da Piedade, Da. Inocência de Brito Falcão e tnente coronel Antônio Lobato e Lira, moradores em Pernambuco, 3 léguas de Brejo de comprimento e 1 de largo, a cada um deles, correspondendo as 3 léguas aos 3 brejos encontrados pelos mesmos, de norte para o sul, fronteiros á serra do Cariri, começando da ilarga do rio Corrente para cima. Cedidas em 23-1-1714. Volume 10.°, página 44.

15 — N.° 22 — Ao tenente coronel Antônio Mendes Lobato e Lira, 3 léguas de comprido e uma de largo e meia para cima no Brejo da Barbosa, descoberto pelo requerente. Cedidas em 28 de Janeiro de 1714. Vol. 10.°, página 40.

16 — N.° 25 — A Antônio Lopes Teixeira e sua prima Dona viuva Alsina Correia da Costa, 4 léguas e meia, no olho dagua da Cana Brava

do confrontação da srra do Cariri, para o poente. Cedida em 5-3-1714. Vol. 10.°, página 45.

17 — N.° 23 — Aos srs. João Mendes Lobato, tenente Antônio Barreto de Jesus e José Lobato, moradores nesta capitania, 3 léguas de comprido e 1 de largo, a cada um deles, no rio Corrente, que se encontra por tras da serra do Araripe. Referido rio pertence á vartente do Jaguaribe. Cedida em 6-3-1714. Vol. 10°, página 42.

18 — N.° 41 — A José Gomes de Moura, Baltazar da Silva Vieira e Germano da Silva Saraiva, moradores no Icó, 3 léguas de comprido e 3 de largo, para cada um, no riacho dos Carás, confrontando com o Brejo Sêco, pertencente ao coronel Roiz Ariosa. Cedida em 20-9-1716. Vol. 10.°, página 75.

19 — N.° 46 — Ao tenente coronel Antônio Mendes Lobato e Lira, sargento mór Antônio Coelho de Lima, tenente Mateus Pereira Pimentel, sargento mór Antonio Barreto de Jesus e tenente João Alves Lima, 3 léguas de comprido com 1 de largo, a cada um deles, começando na Data das Ingaseiras. Cedida em 12-1-1717. Volume 10.°, página 85.

20 — N.° 47 — A Feliz da Fonseca Jaime, tenente coronel Antônio Mendes Lobato, capitão Francisco Mirz de Matos, sargento mór Venceslau de Monter Pereira, tenente coronel José Bernardes Uchôa, capitão Gregório de Monter de Sousa, 3 léguas e 1 de largo a cada um deles, começando nas ilhargas do rio Salgado, nas Ingazeiras, em toda a largura, buscando o sul até testar com a serra do Cariri, pela beira da serra até encontrar os últimos sesmeiros providos. Cedida em 26-2-1717. Volume 10.° página 87.

21 — — N.° 412 — Ao tenente coronel Antônio Mendes Lobato e Lira e ao alferes João Mendes Lobato, 3 léguas de comprido com 1 de largo, a cada um deles, ao riacho Genipapeiro, nas ilhargas do capitão Antônio Mendes Lobato, concedida em 7-7-1718. Vol. 6.°, página 78.

22 — N.° 413 — A Antônio de Sousa Gularte, Manuel Ferreira da Fonseca, tenente coronel José Bernardo Uchoa, José de Sousa Gularte, Amaro de Sousa e Domingo da Rcoha Tavares, três léguas de comprido e 1 de largo, na Lagoa Coachilhé, em cima da serra do Araripe, desaguando no riacho da Cachoeira. Cedida em 11-10-1718. Volume 6.°, página 79.

23 — N.° 28 — Ao coronel João da Fonseca Ferreira, sargento mór Manuel Cabral de Vasconcelos, capitão Antônio Lopes Teixeira, alferes Francisco Ferreira Pires, capitão Luiz Pires Ferreira, Manuel Ferreira da Fonseca, Inácio da Fonseca Ferreira e o padre Pedro Barbosa Ferreira, 3 léguas de comprido e 1 de largo a cada um deles, na serra do Cariri, nas testadas das datas de Antônio Gularte, começando na parte do nascente que corre para o poente, da parte do Rio São Francisco e Piauí. fazendo pião na Lagoa dos Ossos. O total das sesmarias montou a 30 léguas. Cedidas em 26-5-1722. Volume 11, página 48.

24 — N.º 63 — Ao coronel João da Fonseca Ferreira, 1 légua de comprimo e outra de largo, no sitio Lagoa, nas ilhargas da data do comissario geral Antônio Mendes Lobato, na fralda da Serra do Araripe, cuja posse o referido comissário dizia ser sua. Cedida em 23-2-1725. Vol. 11.º, página 101.

25 — N.º 83 — Ao capitão Bento Correia Lima, confirmando a Data anterior, cedida ao suplicante e João da Penha, em 11-2-1704. Confirmada em 25-8-723. Vol. 11, página 132.

26 — N.º 118 — Ao comissário geral Antônio Mendes Lobato Lira e capitão Antônio Mendes Lobato, 3 léguas de comprido e 1 de largo, a cada, nas ilhargas de uma das Datas de Antônio de Brito, num riacho entre o arraial do meio e a Cachoeira. Cedida em 15-5-1724. Vol. 11, páginas 186-187.

27 — N.º 119 — Ao comissário geral Antônio Mendes Lobato Lira e ao capitão Antônio Mendes Lobato, 3 léguas de comprido e 1 de largo, para cada um, no riacho que faz barra na Cachoeira. Cedida em 15-5-1724. A referida terra fica nas ilhargas da de Antônio de Brito. Vol. 11, página, 188.

28 — N.º 137 — Aos capitães Antônio Mendes Lobato, Padre José Lobato do Espírito Santo, capitão João Mendes Lobato, dona Antonia Lobato, e dona Izabel Lobato, 3 léguas de cmprido e 1 de largo, a cada um deles, no sertão dos Cariris Novos, começando do rio Salgado acima, nas terras pedidas pelos companheiros do coronel Antônio Mendes Lobato e Lira, e não povoadas. Cedida em 11-8-1725. Vol. 11, página 216.

29 — N.º 138 — Ao padre José Lobato do Espírito Santo, capitães Antonio Mendes Lobato e João Mendes Lobato Lira, 3 léguas e 1 de largo, meia de cada banda, do rio Corrente, acima, direção do São Francisco, na testada do padre José Lobato para cima. Cedida em 11-8-1725. Vol. 11, página 217.

30 — N.º 144 — Ao capitão Antônio Mendes Lobato, Padre José Lobato do Espírito Santo, capitão João Mendes Lobato e Lira, dona Izabel Lobato e Lira e dona Ana Lobato, 3 léguas de comprido e 1 de largo, nas datas de semeiros que não povoaram, no sertão dos Cariris Novos, pegando das Ingazeiras para cima, rumo direito a serra, até testar com a Serra do Araripe, para dentro da mesma, na parte do rio São Francisco, nas datas pedidas pelo comissário Antônio Mendes Lobato e Lira. Cedida em 29-12-1725. Volume 11, página 227.

31 — N.º 163 — Ao Padre Domingos Dias da Silveira, nas cabeceiras da Data do capitão Bento Correia Lima e João Dantas Aranha, pelo riacho dos Porcos a cima, 3 léguas de comprido e 1 de largo, a cada um. Cedida em 18-6-1727. Volume 11, páginas 255-256.

32 — N.º 18 — A Mateus Pinto da Costa, 3 léguas de comprido e 1

de largo, começando nas nascenças do riacho dos Porcos, para a planície da serra do Araripe, cortando para o norte. Cedida em 28-5-1731. Vol. 12, páginas 24-25.

33 — N.º 73 — A João Gonçalves Sobreira, nas testadas do capitão Bento Correia, 3 léguas de comprido e 1 de largo, no riacho dos Porcos, para o sul, começando da varzea comprida para cima. Cedida em 27-11-1733. Volume 12, página 108.

34 — N.º 123 — Ao capitão Pedro Rodrigues de Andrade, nas ilhargas do riacho dos Porcos, na parte do poente, na testada do capitão Bento Correia, no riacho Caiçara, que faz barra no riacho dos Porcos, 3 léguas de comprido e 1 de largo. Cedida em 25-4-1735. Vol. 12, página 187-188.

35 — N.º 5 — Ao capitão Lourenço Torres, 3 léguas de comprido e 1 de largo, no sítio Santana, ribeira dos Cariris Novos, começando no lugar Brejinho. Cedida em 30-9-1735. Volume 13, página 11.

36 — N.º 114 — Ao capitão mór Antônio Pinto da Cruz, 3 léguas de comprido e 1 de largo, pegando nas testadas das terras do capitão Bento Correia Lima, correndo pelo comprido para o poente do Meritizinho e Moritigrande, ficando dentro do riacho e terras do riacho Taboca. Brejinho do Meio e Bacuruparí e um brejo. Referidas terras ficam no riacho dos Porcos. Cedida em 8-9-1738. Volume 14, página 23.

37 — N.º 138 — Ao coronel Manuel Carvalho de Abreu, 3 léguas de comprido e 1 de largo, no riacho São Miguel, buscando o Cuité Comprido, até ás cabeceiras do riacho das Emboranas. Cedida em 28-6-1739. Volume 14, pagina 70.

38 — N.º 158 — A Jorge Correia Pessoa, morador em Goiana, Pernambuco, retificando a data cedida em 1703, pelo capitão mór Jorge de Barros Leitão. A Data foi confirmada em 18-2-1743. Volume 14, página 114.

39 — N.º 198 — Ao capitão Francisco Pinto da Cruz, 3 léguas e 1½ de largo, na serra do Araripe, nas cabeceiras do riacho dos Porcos, no lugar Pinto, Cacimba e São Miguel, começando na referida Cacimba, pelo riacho abaixo até completá-la, que é uma confirmação da que possui na serra do Araripe. Cedida em 2-7-1744. Volume, 14, páginas 193-194

40 — N.º 695 — A Manuel José Vitoriano, 3 léguas de comprido e 1 de largo, na serra de São Pedro, na nascente ao poente, entre os riachos do Carneiro e São Paulo, Campos Matos, logradouros que se encontram dentro das referidas 3 léguas, separadas das que foram dadas a Manuel da Assunção Façanha. Das terras da Serra de São Pedro, foi descobridor, em 1760. Miguel Cavalcante Campos. Cedida em 23-6-1812. Volume 8.º página 237.

41 — N.º 684 — Ao sargento mór das ordenanças da vila do Crato

José Alexandre Correia Arnaud, sobras de terras de brejos, na fazenda do Brejo, da Salvaterra (Serra) e Bôa Vista, das Porteiras, da Serra de São José, do Corrente do Ramalho, do Sítio Macapá, da Fazenda do Poço; da Cana Brava, do Burití, da Caraíba e do Pilar, outras lagoas e um olho d'gua, bem no centro das referidas terras. Cedida em 27-7-1810. Volume 8.°, página 208.

42 — N.° 697 — A José Batista de Melo, 3 léguas de comprido e 1 de largo, no meio do riacho Cacimba da Égua, estremando ao sul com as terras de Félix Santos, ao norte com as de São Bento, ao nascente com as de Clemente Ferreira, ao poente com as terras dos herdeiros de Félix Correia de Brito. Cedida em 5-8-1812. Vol. 8.°, página 239.

43 — N.° 698 — A José Antonio do Espírito Santo, 2 léguas de terra no riacho Carneiro, de norte a sul, pegando do sopé da serra do Umarí, até defrontar com as terras de Jerônimo Dias Maia, continuando nessa Data até meia légua do riacho Cará afora, com meia légua de largura para o nascente e par o poente, até se defrontar com o riacho Macapá, com meia légua para fora. Cedida em 11-9-1812. Volume 8.° página 241.

44 — N.° 709 — Ao tenente José Rodrigues, 3 léguas de terra no sítio Logrador, no Crato, constituída por terras devolutas que se estremam com as fazendas Bastiões, Conceição, Porteiras, Saco, Pilar e Caiçara. Cedida em 19-2-1814. Volume 9.°, página 21.

45 — N.° 718 — A Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, no riacho Angico, na vila do Crato, 3 léguas de terra, riacho acima, de comprido e 1 de largo, para cada banda, confrontando-se para o nascente com as terras da Várgem da Vaca, com a capitania do Piauí, ao norte com as terras da serra do Araripe, pelo sul com as terras do sitio Cabeceiras. Cedida em 4-2-1815. Vol. 9.°, página 39.

46 — N.° 744 — A Ana Maria de Jesus, moradora na vida do Crato, 3 léguas de comprida e 1 de largo, 1 de cada banda, nos sítios Trabalhada e Jardim e terras devolutas adjacentes, estremendo ao nascente com o riacho das Lages, ao poente com as terras das Ipueiras, ao sul com Palmeirinha e Boqueirão e ao norte com terras do Bom Jesus. Referida Data fica no município de Jardim, então pertencente á jurisdição de Crato. Cedida em 18-5-1818. Vol. 9.°, páginas 93-94.

As Datas e Sesmarias do Vale, em número de 46, as principais, revelam o interêsse tomado pelos habitantes das capitanias viinhas ao se processar a ocupação da terra. Desde a segunda metade do século XVII que os seus brejos constituíam objeto de intrêsse, sendo pedidos em Datas, inicialmente, na década de 1680, segundo registam os livros das Datas e Sesmarias, não sendo ocupadas, outros interessados se apresentaram em requerer as que se encontravam devolutas. Foram sempre moradores de Goiana, então capitania de Itaparica, e que corfirma a nossa exposição inicial sobre a ocupação da Vale.

POPULAÇÃO DO VALE DO CARIRÍ

7 — As primeiras informações sôbre a população do Vale do Cariri foram fornecidas pelo Governador General João Cesar de Menezes, em 1784, que ordenou a realização de um recenseamento dos territorios sob sua administração, publicado pela Biblioteca Nacional sob o titulo *Idéa da População da Capitania de Pernambuco e suas Anexas,* Rio, 1924, paginas 108-109.

A população do Cariri foi a seguinte:

Municípios	População		Total
	S.M.	S.F.	
Crato	1.706	1.440	3.146
Missão Velha	2.283	1.795	4.078
Total	3.359	3.235	7.224

A êsse tempo a freguesia de Missão Velha tinha o nome de Cariris Novos e uma superfície de 30 léguas de comprido e outras tantas de largo, informa o documento em apreço, enquanto Crato apenas 2 léguas de comprido e 2 de largo.

O Governador Barba Alardo, em sua Memória sobre a Capitania do Ceará, divulgada pela Revista do Instituto, volume XIX, 1897, página 5, encontra para Crato, compreendendo tôda a região atual, uma população de 11.735 habitantes.

Entre as duas contagens populacionais observa-se um crescimento de 4.511 pessoas, no decurso de 28 anos, corresponde a 38%. Foram as duas operações censitárias realizadas durante o período colonial, ocupando o Vale, entre as demais regiões, na primeira, o quarto lugar e, na segunda, o terceiro, pela população, vindo, imediatamente, Icó e Sobral como os mais densamente povoados, revelava, assim, desde os primeiros tempos, um crescimento progressivo, resultante da fertilidade do seu solo que conservava nas áreas de cultura os seus habitantes, mesmo nos anos de crises climicas da gravidade das primeiras do século XIX e última do XVIII.

Durante o Império realizaram-se dois censos. Um sob a direção do Senador Pompeu que aceitou a incumbência de escrever o *Ensaio Estatístico da Província,* em 1864, em dois volumes, tendo feito antes, a *Memória Estatística.* Segundo o *Ensaio,* no ano referido a população do Vale orçava em 69.687 habitantes, sendo 2.755 escravos, distribuídos pelos municípios segundo a relação abaixo:

Municípios	População		Total
	S.M.	S.F.	
Crato	8.412	9.772	18.184
Barbalha	5.536	5.684	11.220
Missão Velha	5.861	5.861	12.144
Jardim	12.551	12.833	25.384
Total	32.782	34.150	66.932

ESCRAVOS

Crato	726	665	1.391
Barbalha	395	266	661
Missão Velha	213	232	445
Jardim	125	133	258
Total	1.459	1.296	2.755
Total geral			69.687

O recenseamento do Cariri, em 1872, apurou uma população de.... 75.084 habitantes, assim distribuída:

Municípios	Livres	Escravos	Total
Crato	17.743	728	18.471
Missão Velha	19.323	300	19.623
Barbalha	13.360	415	13.775
Sã Pedro	10.017	55	10.072
Jardim	13.390	653	14.143
Total	74.333	1.851	75.084

É surpreendente o crescimento populacional registado no decurso de 12 anos, correspondente a 8%, aproximadamente, ou sejam 5.397 pessoas, notando-se que houve uma redução do elemento selvil de 904 entre 1860 e 1872.

Obedeceu a um ritmo proporcional o crescimento da população do Vale, sempre em função do seu crescimento econônico. Durante o decênio de 1850 registou-se grande migração de elementos das províncias vizinhas para o seu território, observa o Senador Pompeu no segundo volume do *Ensaio Estatístico*. Deve ter sido uma resultante da sêca de 45, que deixou tradição dolorosa entre as populações sertanejas que viam nas terras de brejo e nas fontes perenes do Vale uma garantia para a agricultura.

Na República tiveram lugar quatro censos: 1890, 1900, 1920 e 1940. Do primeiro não temos a população do Estado por município, razão por que não fazemos apreciações sobre a mesma em relação ao Vale.

O crescimento da população do Vale do Cariri, segundo o resultado do recenseamento de 1900, 28 anos depois do primeiro, acusou um total de 78.440 habitantes, assim distribuidos :

Crato	30.321
Missão Velha	10.740
Barbalha	14.681
Jardim	12.499
Brejo Santos	2.891
Porteiras	6.908

Ao tempo em que se realizou o censo de 1900, o municipio de São Pedro do Cariri, atual Caririaçú, tinha sido suprimido e Juazeiro do Norte

ainda não existia. Brejo Santos foi criado em 1876, sendo o que apresenta menor população.

Observa-se, comparando-se os resultados do censo de 1900 com o de 1872, um pequeno aumento de 3.356 habitantes, determinado, em parte pelo movimento migratorio regional, devendo-se considerar o periodo de transição politica que se vivia. O povo ainda não estava identificado com o regime instalado em 1889, o que representava um motivo para fugir ás declarações censitarias.

O crescimento da população acusado pelo censo de 1920, vinte anos depois, foi superior a 51%, o que comprova a evasão pelos motivos citados, principalmente nas areas fronteiriças com a Paraíba e Pernambuco.

O censo de 1920 apurou 108.380 habitantes distribuidos pelos município na ordem que se segue :

Crato	25.439
Missão Velha	15.467
Barbalha	17.975
São Pedro	7.865
Juazeiro	20.044
Jardim	11.800
Brejo Santo	5.091
Porteiras	5.147
Total	108.380

A última operação censitária verificou uma população de 178.432 habitantes, correspondendo aos municípios:

Crato	40.453	1.017 klm2
Missão Velha	23.153	808 "
Juazeiro	38.530	155 "
São Pedro	19.319	614 "
Jardim	18.639	1.112 "
Brejo Santos	23.584	666 "
Total	186.118	5.009 "

O crescimento registado em 20 anos atingiu a 70.052 pessoas, equivalendo a 64% e fração. A sua densidade demográfica é 33,56 habitantes por quilômetro quadrado, sendo o municipio de maior densidade. Juazeiro com 246,1 e o de menor densidade Jardim, com 16,7 habitantes por quilômetro quadrado, Crato, 39,77, Missão Velha 30,0, São Pedro 22,9 e Brejo Santo 35,4.

O progressivo desenvolvimento da vida economica foi acompanhado pelo aumento das populações caririenses, determinando a divisão administrativa territorial.

A primeira organização em vila coube a Crato, antiga Missão do Miranda, aldeiamento de índios, elevado em 17 de Junho de 1763 á dignidade de *vila de índio,* compreendendo todo o território do Cariri. Jardim

foi o segundo município, criado ainda no tempo da colônia, em 30 de Agosto de 1814, em virtude das rivalidades entre os chefes locais com os de Crato. Barbalha vem logo depois, em 17 de Agosto de 1846, por lei n.° 174, São Pedro, atual Caririaçú foi criado municipio pela lei 1.727, de 18 de Agosto de 1875, Missão Velha pela lei n.° 1.120, de 8 de Novembro de 1884. Ao se iniciar a República, Brejo Santo foi eregido em municipio, pela lei n.° 40, de 26 de Agosto de 1890, sendo Juazeiro o ultimo criado, pela lei n.° 1.028, de 27 de Julho de 1911.

A elevação a município processou-se segundo os interêsses e a importancia política dos chefes locais. E' assim que Porteiras, foi elevada, ainda no Império, por lei de 17 de Agosto de 1889 á categoria de município, perdendo o bastão de vila para readquirí-lo posteriormente, razão por que figura entre os municípios do censo de 1920 e não aparece no de 1940. Um fato, porém, é inconteste: é o ininterrupto desenvolvimento da região, mesmo quando açoitada pelas lutas políticas, transformadas em questões de família, que se irradiavam pelos sertões dos Estados vizinhos, nunca a sua população foi reduzida, conservou, sempre, nessas vicissitudes o nível populacional elevado.

Em função do seu crescimento foi que se realizou um movimento, que se destinava a criar a *Província dos Cariris,* nos fins da primeira metade do século passado.

Sob a alegação da distancia que separa os sertões da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Piauí e Ceará, tendo em vista a fertilidade do solo do Cariri, e ainda "a disposição e propriedade que tem os Cariris Novos para a agricultura em todas as estações do ano, a doçura do seu clima, a facilidade com que nele produzem todos os gêneros de plantas, mesmo exóticas, tem concorrido para o prodigioso aumento da sua população, que todos os dias cresce pela frequente imigração dos povos, que para alí concorrem acossados pelo flagelo de que se vêm perseguidos da fome e da miséria nos estéreis sertões que habitavam" escrevia a comissão constituída pelos membros da Assembléia Provincial do Ceará, Joaquim José Barbosa, Hipolito Cassiano Pamplona e Justino Furtado de Mendonça, em 14 de Agosto de 1846, justificando o projeto apresentado, igualmente ao Senado e a Camara dos Deputados, publicado e anotado por Paulino Nogueira, na *Revista do Instituto,* página 222, vol. VI, 1892.

O movimento não teve repercussão nacional, apesar do prestígio do Senador Alencar e a região do Vale continuou a viver a sua vida de isolamento dos centros culturais mais importantes do Nordeste, assistindo o seu desenvolvimento social, condicionado ás lutas pessoais, criadas pela política e mantidas pelas distancias.

Apesar de todos os obstáculos criados pelo meio aspero dos sertões circunsvizinhos, o Vale do Cariri manteve a sua autonomia na direção da vida econômica, construindo-se o centro cultural da região,

É interessante observar que, mesmo antes da existência do fenomeno religioso de Juazeiro, o Vale do Cariri já exercia grande atração entre as populações vizinhas. Os números censitários registados apresentam a região como uma das que crescem proporcionalmente, sem reduzir a média do aumento do seu volume no decurso dos anos, apresentando sempre uma percentagem a mais sôbre as operações anteriores.

Estudando o *Povoamento do Nordeste Brasileiro,* Pompeu Sobrinho

esclarece que uma das razões da concentração demográfica do Vale do Cariri se encontra na atração religiosa exercida por Juazeiro, centro de atuação do padre Cícero Romão Batista, durante mais de cincoenta anos, constituindo a região "atrativo irresistível, que encaminhou forasteiros sem número, oriundos de todos os Estados do Nordeste e mesmo de outros mais distantes, (Goiaz, Maranhão, Baia), dos quais muitos lá se fixaram definitivamente. Todos os que chegavam eram portadores de energia sob formas diversas (trabalho humano, dinheiro, fanatismo) estas incorporadas ao meio social, logo entravam em processo de transformação, preponderante, útil á comunidade". Volume LI, página 157, 1937, *Revista do Instituto.*

A feição populacional do Cariri, assinalada por Pompeu Sobrinho é importante porque se processou, notadamente, do início dêste século em deante, quando a fama do Padre Cícero cresceu e se estendeu por todo o Nordeste, invadindo todos os campos das atividades sociais, desdobrando-se após a contra-revolução cearense de 1914.

Um fato importante para a formação étnica do homem do Cariri, é o reduzido coeficiente do elemento afro que entrou na sua constituição, constatando-se que, apesar de preponderar nas saus atividades agricolas a cultura da cana, não existiu no Vale e, quiçá, no Ceará, grandes senhores de escravos. A razão deve se encontrar no intercambio permanente mantido entre o Cariri e os sertões de criar de Pernambuco e Paraíba, onde o elemento indigena entrou como o maior coeficiente de fixação do homem e, ainda, a supremacia do aborígena na constituição étnica do homem do Cariri e das areas culturais limitrifes, pois os criadores pernambucannos eram os agricultores do Vale e os criadores do Vale eram os agricultores pernambucanos. Êsse intrecambio de atividades entre populações que não tinham o hábito da escravatura, determinou o afastamento do elemento servil nas suas propriedades, utilizando o braço mestiço, adaptado a todas as circunstancias, fiel em todas as lutas, irmanado em todas as vicissitudes.

As populações do Cariri são observadas sob dois aspetos negativos: o que as relaciona ao fanatismo religioso, e o que as prende ás atitudes armadas das lutas regionais.

Quem percorre os sertões do Nordeste há de observar que o fanatismo é uma questão de adaptação do nosso rurígena ás condições de vida imposta pela cultura e pelas exigências dos tempos modernos. O sertanejo é católico segundo a concepção animista, que ainda permanece na sua conciência religiosa, bem próxima da influência afra e ameríndia, em determinadas áreas culturais do interior, que presidiu ao inicio da sua formação mental, concorrendo com o lastro cultural das instituições das duas raças.

As primeiras impressões da vida infantil, constituem o lastro de conhecimentos, que orientam a aquisição de novos conhecimentos, assim se processando, não só a formação mental, como a personalidade moral do indivíduo. Vivendo em um ambiente fechado, o sertanejo formou a sua mentalidade dentro dos princípios religiosos transmitidos pelas gerações anteriores. E' assim, que as crendices tomaram vulto e a religião praticada pelo africano mesclou-se ás superstições do branco, resultando a prática de uma religião deformada, que se continua até os nossos dias.

No mesticismo das suas crenças, o homem da gleba procura, na concepção material das cousas divinas, um ser vivo e pensante que possa ser objeto de seu culto. Foi assim que se formou a crença na imortalidade do Padre Cícero, que constitui, hoje, um ciclo lendário entre as populações do Rio São Francisco.

Quem visita o Vale do Cariri e estuda as suas populações rurais há de se surpreender de não encontrar entre os habitantes do Vale irradiado aos seus povoadores primitivos, o sentido do fanatismo, como se encontra entre as populações marginais do São Francisco. A razão é simples. O Cariri foi o teatro de lutas políticas, antes e depois da Independência, que constituem uma norma da sua conduta social e religiosa.

Condições especiais da orientação religiosa do Padre Cícero, predispuzeram o Juazeiro, onde êle operou meio século, para ser o teatro da questão religiosa do Nordeste, mas os seus partidários vieram dos sertões vizinhos, sendo minoria os que naceram e viveram no Vale anteriormente. Foi em um período de transição social e política que o Juazeiro apareceu na história religiosa do Brasil. O grau de incultura das populações foi o fator preponderante para a propagação dos fatos que se continuaram nos sertões distantes, fora das vistas do homem do Cariri.

Não se pode negar que, sendo o Vale o centro das atividades dos que se deixavam influenciar pelo fenomeno religioso, deixasse a sua população de sentir a influência dos acontecimentos, de ter alguns dos seus elementos dentro dos que tomaram partido pela realidade desejada. Tudo isso é humano e explicável nos grandes acontecimentos que abalaram as populações, concluir disso, porém, que o fanatismo seja a norma religiosa dos habitantes da região, não é possível.

Vejamos como se processou a formação dos elementos sociais responsáveis pelo *cangaço* no Cariri. Vivendo em ciclos fechados, sem contacto com os núcleos mais próximos, os elementos formadores da sociedade rural, tão intimamente ficaram justapostos, que a ruptura do equilíbrio entre si, ocasionaria o desequilibrio da própria sociedade, pois as instituições dos três tipos étnicos iniciais, com predomínio dos mais evoluidos e dos mais assimiláveis, passaram a constituir a única regra diretora da coletividade.

Foi assim que os meios populosos mais afastados das sedes administrativas se encontraram em uma situação, oriunda das circunstancias do momento, que proporcionou a formação de um ambiente favorável aos abusos das autoridades fortes e dos proprietários senhores de grande latifúndios, criadores da *milícia do cangaço,* tal como ainda se encontra no interior de Goiaz e Mato Grosso.

A interdependência em que viviam os senhores rurais, relacionados com os sertões dos Estados vizinhos, atraiu para o Vale as lutas domesticas que se desenvolviam nas suas áreas de criar, determinando a invasão de homens darmas de Pernambuco e Paraíba no Cariri e dêstes para aquêles Estados, quando as lutas assim o exigiam. Inicialmente, eram questões que se desenvolviam no ambito doméstico, com respeito ás famílias e á própriedade. A evolução dos processos de luta alargou o campo de atuação dos homens, assim como empobreceu as famílias, destruiu fortunas sólidas e tradicionais, terminando com a destruição dos últimos valores morais, quando os senhores, faltos de recursos, deixaram

aos seus homens, vindos da plebe rural, a realização dos seus negócios armados.

Estava, assim, aberto o ciclo para o cangaceirismo á Lampeão.

VIDA ECONÔMICA DO VALE DO CARIRÍ

8 — Um dos traços mais fortes da vida do Vale do Cariri, é a subdivisão da propriedade agrícola, registando-se no decurso de 22 anos, 1920-1942, acentuado índice subdivisionário:

Município	1920	1942	Diferença
Crato	269	785	516
Missão Velha	165	997	832
Barbalha	150	495	345
São Pedro	96	842	746
Juazeiro	140	547	407
Jardim	271	994	723
Brejo Santo	171	1.430	1.259
Total	1.262	6.090	5.868

O elevado número de propriedades apurado, a mais, sôbre o censo de 1920, é resultante do crescimento demográfico, forçando a subdivisão territorial, através das partilhas, dos inventários e das transmissões de propriedades, sendo interessante o registro de Juazeiro, o menor município quanto á área, e o de maior população e o que apresenta um maior desdobramento da propriedade agrícola. A razão deve se encontrar nos meios de vida da sua população, dividida entre as pequenas indústrias domésticas e a pequena lavoura da mandioca e cereais, ficando a agricultura da cana para os mais abastados, em virtude do custo de uma braça do brejo superior a Cr$ 3.000, em todo o Vale.

Outro ponto interessante, é a perseverança do latifúndio no município de Crato, o segundo em superfície, tendo 862 quilômetros mais do que Juazeiro. Em 1920 tinha 269 propriedades em 1942 apresenta 785 propriedades, oferecendo 516 a mais sobre o censo anterior. É um fato explicado pela existência de familias tradicionais, dedicadas á agricultura, conservadoras do patrimônio dos seus antepassados, que zelam a permanencia do nome da família.

Jardim, com a maior superficie do Vale, pouco maior do que Crato 95 quilômetros, tinha, em 1920, 271 porpriedades, apresenta-se em 1942, com 723. Localizado no extremo sul do Estado, possui áreas mais extensas para criação, sendo limitados os seus *brejos* e as suas fontes perenes, deveria estar menos exposto á subdivisão territorial, mas a penetração continuada de elementos do Pajeú, Pernambuco, durante decênios, que se fixaram ao solo e adquiriram, inicialmente, propriedades de criar, e posteriormente, sítios de brejo, forçou a subdivisão da propriedade em mãos de antigos agricultores sem animo para cultivar a terra, resultando um elevado índice subdivisionário, em relação a Crato, apresentando, no último censo um número de 452 propriedades a mais.

Dos municípios do Vale o que apresenta uma maior subdivisão da propriedade é Brejo Santo, depois de Juazeiro, com o aumento de 1.239,

sobre o censo de 1920. Localizado entre ás fazendas de Pernambuco e Paraíba, os seus brejos são mais extensos do que os de Jardim, prolongam-se até o distrito de Porteiras, mas as suas terras de criar sofreram um desdobramento mais amplo, resultante das lutas políticas e domésticas, assim como recebeu elevado número de elementos dos dois Estados limitrofes da região.

Missão Velha com a mesma proporção territorial, teve uma subdivisão acentuada, mas menor do que a de Brejo Santo. Permanece, ainda no seu território um acentuado sentido do latifundio tradicional das famílias dominante. Caririaçú, dentro da mesma base dos anteriores, teve as suas propriedades sob a influência do desdobramento intensivo que dominou a vida agrícola do Vale, com o aparecimento de novas possibilidades para a agricultura.

A vida econômica do Vale do Cariri firma-se na produção agrícola, sendo a cultura da cana a mais desenvolvida. Existem no seu território 300 engenhos, sendo 222 movidos a força motriz e 78, a força animal, assim distribuidos:

Municípios	F.M.	F.A.	Total
Crato	34	40	74
Missão Velha	39	21	60
Juazeiro	15	10	25
Barbalha	68	——	68
São Pedro	26	——	26
Jardim	25	7	32
Berjo Santo	15	——	15
Total	222	78	300

Os aviamentos para a fabricação da farinha de mandioca se elevam a 740, sendo:

Crato	179
Missão Velha	92
Barbalha	180
São Pedro	80
Juazeiro	80
Jardim	52
Brejo Santo	77
Total	740

A produção agrícola do Vale do Cariri, no biênio 1939-940, atingiu, aproximadamente, os seguintes números:

	Rapadura	(Quilo)		
Município	1939	Valor	1940	Valor
Crato	3.000.200	1.600.000,00	5.130.960	3.078.576,0
M. Velha	1.600.000	800.000,00	17.600.000	10.360.000,0
Juazeiro	1.119.600	839.700,00	960.000	480.000,0
Barbalha	5.600.00	2.072.000,00	50.000	25.000,0
Jardim	600.000	300.000,00	1.260.000	756.000,0
B. Santo	960.000	576.000,00	10.000	5.000,0
São Pedro . . .	24.00	——	——	——
Total	12.903.800	6.199.900,00	25.010.960	14.904.576,0

Arroz (Saco de 60 quilos)

Município	1939	Valor	1940	Valor
Crato	6.600		8.320	291.200,0
M. Velha	160		2.320	12.160,0
Barbalha	1.000		600	21.000,0
Juazeiro	5.000		5.600	156.800,0
S. Pedro	12.000		1.500	45.000,0
Jardim	3.400		5.000	100.000,0
B. Santo	32.000		24.000	720.000,0
Total	60.160		45.340	1.346.000,0

Farinha (Saco de 60 quilos)

Município	1939	Valor	1940	Valor
Crato	24.000	432.000,00	70.000	1.120.000,0
M. Velha	5.000	150.000,00	5.400	129.600,0
S. Pedro	7.800	195.000,00	6.000	90.000,0
Barbalha	1.000.000	18.000.000,00	320.000	3.840.000,0
Juazeiro	1.000	24.000,00	10.000	180.000,0
Jardim	5.000	90.000,00	9.500	152.000,0
B. Santo	6.000	120.000,00	5.200	104.000,0
Total	1.048.800	2.811.000,00	426.100	5.615.600,0

Milho (Saco de 60 quilos)

Município	1939	Valor	1940	Valor
Crato	9.890		14.945	254.395,0
M. Velha	20.000		14.950	269.100,0
S. Pedro	24.000		35.000	525.520,0
Juazeiro	13.600		18.000	216.000,0
Barbalha	6.000		2.484	24.840,0
Jardim	9.600		18.400	222.000,0
B. Santo	100.000		92.000	1.104.000,0
Total	183.090		193.779	2.415.853,0

Feijão (Saco 60 quilos)

Município	1939	Valor	1940	Valor
Crato	1.200		660	23.760,0
M. Velha	3.200		3.600	108.000,0
S. Pedro	9.600		3.510	126.360,0
Juazeiro	13.600		5.000	150.000,0
Barbalha	3.960		2.002	60.000,0
Jardim	8.000		8.000	96.000,0
B. Santo	10.500		5.200	93.600,0
Total	50.060		27.976	659.780,0

Produção de Algodão (em quilo)

Município	1939	Valor	1940	Valor
Crato	155.500	435.120,00	291.200	611.520,0
M. Velha	587.541	1.645.114,00	705.600	1.152.320,0
S. Pedro	453.600	1.270.080,00	540.000	1.176.000,0
Juazeiro	224.000	637.200,00	504.000	1.108.800,0
Barbalha	56.000	151.200,00	168.000	352.800,0
Jardim	11.200	30.240,00	111.888	244.964,0
B. Santo	84.000	234.200,00	168.000	352.800,0
Total	1.571.741	4.403.154,00	2.488.688	4.989.204,0

Produção de Mamona (em quilo)

Município	1939	1940
Crato	90.000	85.000
M. Velha	99.960	120.000
S. Pedro	25.000	30.000
Juazeiro	8.000	5.000
Barbalha	6.000	—
Jardim	60.000	1.200.000
B. Santo	200.000	260.000
Total	488.960	1.700.000

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1941

Municípios	Rapadura (kg)	Arroz (60kg)	Farinha (60kg)	Milho (60kg)	Feijão (60kg)	Algodão (arroba)
Crato	6.700.000	150	10.500	237	55	1.286
M. Velha . .	1.160.000	11	4.320	520	250	2.625
Juazeiro . . .	1.200.000	222	8.700	950	409	1.500
Barbalha . .	4.400.000	10	40.000	35	30	113
Jardim . . .	12.000	140	160.000	800	1.200	500
B. Santos . .	800.000	625	5.145	4.115	1.384	7.687
Caririaçú . .	530.000	1.000	27.500	8.750	600	5.800

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1942

Municípios	Rapadura (kg)	Arroz (60kg)	Farinha (60kg)	Milho (60kg)	Feijão (60kg)	Algodão (arroba)
Crato	—	100	—	125	30	666
M. Velha . .	812.000	12	3.456	650	300	2.650
Juazeiro . . .	800.000	93	12.000	400	175	750
Barbalha . . .	952.000	20	—	21	18	300
Jardim	410.000	120	100.000	1.000	1.231	500
B. Santos . .	750.000	300	5.985	1.366	600	2.200
Caririaçú . .	530.000	1.000	47.500	9.000	800	6.000

A produção agricola do bienio 1941-1942 sofreu uma decrescimo, no ultimo ano, em virtude da sêca que assolou o Nordeste. Os numeros dizem melhor de que os comentarios. A redução é compensada pelo aumento dos preços, embora o sofrimento dos operarios rurais seja maior, acrescido pelo aumento ocasional da população, vinda dos sertões dos municipios vizinhos e dos Estados limitrofes.

O problema cruciante do Vale é o dos transportes. A Rede de Viação Cearense não atende ás necessidades do comercio exportador. A rêde rodoviario existente é insuficiente além de não está articulada com a estrada tronco do nordeste. O atual plano rodoviario do Estado promete articular os municipios do Vale com a rodovia que liga Fortaleza e Recife,

Os números totais da produção de cereais revelam as possibilidades do Vale no domínio da produção econômica em cooperação com o algodão, a mamona e outros produtos resultantes da atividade do homem, tais como a do gesso, existente em abundancia no Vale e pedras coradas.

9 — *As rendas dos Municípios do Vale.* O movimento das exatorias federais, estaduais e municipais, no triênio 1939-1941, revela a estensão dos negócios realizados pelas atividades comerciais e agro-pecuárias.

Existem três Coletorias federais: Crato, Juazeiro e Barbalha cuja arrecadação no referido triênio atingiu as importancias de Cr$ 2.776.663,0 cruzeiros para o federal, Cr$ 5.075.908,0 para o estadual e 4.230.136,0 para o municipal.

O Vale do Cariri realiza um crescimento econômico proporcional ao demográfico. As suas atividades não se detêm. O homem procura atender á necessidade sempre crescente da vida social desenvolvendo novas indústrias, explorando de modo eficiente as já existentes.

Juazeiro é o exemplo típico do município que vive a sua vida dentro de um plano traçado, de modo a atender ás necessidades da sua população excessivamente densa para um município interior. A multiplicidade de oficios imprime ao artezanato uma feição peculiar. As suas oficinas têm um tanto de alegria, de satisfação, de contentamento. As forjas dos seus ferreiros, fabricando instrumentos agrícolas, facas artisticamente trabalhadas, deixam a impressão de uma vida que se desenvolve normalmente. Operários alegres cantarolam as árias, os fados da sua predileção. O milagre dos ouríveis, transformando uma libra esterlina em cinco, permite que os trabalhos de ouro do Juazeiro percorram os sertões a preço baixo, sendo grande o número dos ambulantes que o conduzem. Os trabalhos de couro, desde a alpercata de *rabicho,* para o sertanejo rude, até o calçado obedecendo ao último modêlo do Rio, são fabricados a preços módicos, bastando, para exemplo, dizer que um calçado que se compra em Fortaleza por 400 cruzeiros em Juazeiro, mesmo modêlo e material, obtêm-se por menos de 200.

Outro aspecto interessante da vida econômica do Vale do Cariri é o preço dos tecidos, com uma diferença a menos sôbre o da capital de 20% e 25%, o que explica as suas rendas avultadas nas exatorias, permitindo a existência de grande número de estabelecimentos comerciais em suas cidades e vilas, elevando-se a 1.047, sendo Crato com 298, Missão Velha, 190, São Pedro, 49, Barbalha, 103, Juazeiro, 220, Jardim, 87 e Brejo

Santo, 100. Os estabelecimentos industriais se elevam a 1.307. Crato possui 318, Missão Velha, 370, Caririaçú, 2, Barbalha, 128, Juazeiro, 152, Jardim, 157 e Brejo Santo, 200. É a êste elevado número de estabelecimentos que o Vale deve a sua prosperidade econômica.

O CUSTO DA VIDA NO VALE

Nos últimos dez anos verificou-se um aumento excessivo do custo da vida, no Vale do Cariri, desproporciona á capacidade aquisitiva do trabalhador rural.

O primeiro fator da produção a se valorizar foi a terra, cujo preço, ao período referido, sofreu uma majoração superior a 200%, pois, da margem de Cr$ 500,00 para 1.000,00 subiu para Cr$ 3.000,00, o custo de uma braça de brejo. Responde por essa excessiva valorização o produto da terra, destacando-se, no primeiro, a rapadura procurada pelo comercio sertanejo dos Estados vizinhos: Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, nos quais o seu consumo é obrigatório.

A subdivisão da propriedade, conforme acentuámos atrás, é uma resultante do crescimento demográfico, que contribui para subir o valor da terra. Os inventários e partilhas entram com um coeficiente notável. O desequilibrio economico dos menos aptos para a vida, fornece parte apreciável para o retalhamento da propriedade.

O aumento do preço da rapadura vendida, normalmente, entre ..... Cr$ 50,00 e 75,00, ha dez anos, passou a ser Cr$ 100,00 e 120,00. Os proprietários que não estavam habituados a reunir somas superiores a Cr$ 50.000,00 brutos, anuais, se encontraram, nos últimos anos na posse de lucros liquidos superiores a Cr$ 150.000,00. Processou-se uma verdadeira mudança de habitos de vida. Os mais sugestionaveis pelas exterioridades sociais, devotaram-se ao luxo, introduziram conforto nas suas propriedades, que os seus antepassados não conheceram, conservando, porém, a estabilidade economica, penhor da sua dignidade. Os que, infelizmente, se orientaram para a vida mundana, entregando-se com excesso, aos jogos e mais fontes de desperdicios, restringiram as suas possibilidades, venderam parte das suas terras, perderam o seu poder aquisitivo.

O que registamos, verifica-se em todos os municípios do Vale, em que a rapadura é a base economica. Da nova situação economica, criada pela valorização da terra e da produção agrícola, surgiu uma nova camada de proprietários, saídos dos *moradores* que economisaram o produto das suas *moagens,* nos bons tempos, para a aquisição das primeiras braças de *brejo.* São inarraveis as dificuldades experimentadas para se tornarem proprietário, desde a privação do indispensável para viverem com a mulher e os filhos, até o excesso de trabalho, das 6 da manhã ás 18 horas da tarde, prolongando-se quando as faz necessario a *molha da cana,* pela noite a dentro.

É interessante assinalar-se que, apezar do aumento do custo da terra, o salario do trabalhador rural permanece o mesmo de ha 20 anos, não obstante a valorização do produto e, consequentemente, a majoração do

custo da vida. Nas feiras tudo subiu de preço, o dia do trabalho do homem rural permanente ainda, entre Cr$ 3.50 e 6,00, para os que trabalham com uma refeição do patrão e para os que se alimentam a sua custa. No trabalho do engenho a luta começa ás 3 da madrugada e se estende até ás 19. O *mestre de rapadura* é o que tem melhor diária, trabalha no serviço de direção, taxeação e tempero da rapadura percebe uma diária melhor, entre Cr$ 10,00 e 12,00 e representa, por isso mesmo a classe mais evoluida dos operarios rurais.

Aos velhos *moradores,* o proprietário permite que plantem nas suas terras sêcas, mandioca, milho e feijão, em alguns casos consentem que cultivem pequenos pedaços de brejo, 1/2 tarefa, no máximo 1, com a obrigação de fazer a moagem no seu engenho, como *meeiro,* isto é o agricultor entrega a cana ao engenho e o proprietário faz a moagem com direito a 50% do rendimento bruto, todo o trabalho do plantio, limpeza, corte e trabalhadores do engenho por conta dos 50% do lavrador. O mesmo acontece com a mandioca que deve ser transformada em farinha no *aviamento* do patrão, sob ás mesmas condições.

Quando o proprietário consente que o morador plante arroz, é, igualmente, como meeiro. Só o milho e o feijão podem ser cultivados sem onus para o camponez. São tradicionais os costumes registados, donde não se verificar nenhum incidente entre patrão e morador, pois aquele estipula as condições em que pode receber o morador, quando este vem solicitar abrigo em sua propriedade.

Os deslocamentos sucessivos das populações marginais do São Francisco, das Alagôas, Baía e Pernambuco, fixando-se, grande parte nos sítios de lavoura da cana, não modificaram as normas tradicionais, existentes no Vale do Cariri, regularizadoras do trabalho agrícola.

Na situação da vida economica do Cariri, o morador continua sendo o elemento fundamental de trabalho agrícola. Nas suas relações economicas com o proprietário continuam sendo os homens de ha cinquenta anos.

Todo proprietário que consegue acumular alguns milheiros de cruzeiros procura empregá-los na acquisição de novas partes de sítio de cana, donde a elevação desproporcional do preço da terra de brejo, elevação esta em desacordo com o salário do trabalhador, estabelecendo um desequilibrio profundo em relação ao baixo preço do dia de trabalho.

Com um salário de Cr$ 6.00 em media, si a tanto chega, o homem rural tem de atender ás multiplas necessidades da vida, o que ocasiona grande deficiencia na capacidade produtiva do individuo, em virtude da insuficiencia alimentar a que fica sujeito, ante o alto custo da vida.

Duas consequencias se destacam em meio dessa situação economica do Vale. A primeira é a formação de uma classe melhor dotada, economicamente, com maiores possibilidades para a sua formação cultural, orientando os filhos para as escolas secundárias e superiores, a segunda é a redução do nivel economico das classes operarias rurais, menos beneficiadas, sem possibilidade de progredir. Enquanto tal ocorre na vida rural, nas atividades urbanas do Vale observa-se uma crescente proletarização do pequeno comerciante que não pode acompanhar a marcha apressada dos capitais oriundos da agricultura e invertidos no comércio.

A vida social e cultural do Vale está em função do seu desenvolvi-

mento economico, dos maiores lucros que a agricultura proporciona aos proprietarios.

Como índice social e cultural do Vale do Cariri destacam-se a cidade do Crato, com um sentido cultural nitidamente urbanistico e a cidade de Juazeiro com uma acentuada orientação profissional. A primeira possui estabelecimentos de ensino normal para uma socedade urbanista, ginasio equiparado ao Pedro II e um Seminario para formação eclesiástica. A segunda, possui a primeira Escola Normal Rural para a formação de professores das zonas rurais, revelando acentuada tendência ruralista ao lado de uma escola profissional saleziana, para formação de operários para as várias atividades economicas da sua pequena indústria. É assim que a Escola Salesiana proporciona um ambiente de maiores possibilidades economicas aos filhos da cidade de Juazeiro e aos das demais cidades circunvizinhas, ao lado da educação ginasial equiparada ao Pedro II.

A vida de uma região barateará em função das suas possibilidades de produção, estando esta condicionada ao preparo tecnico-profissional de seus filhos. Quando a terra estiver em condições de oferecer uma maior percentagem das suas possibilidades de produção e, quando a matéria prima mantiver um nivel de aquisição que atenda ás necessidades da indústria regional, o nivel econômico melhorará para todas as classes, melhorando, assim, o custo da vida, com uma produção mais barata e poder aquisitivo a todos os seus habitantes.

Pode ser aplicado o que escrevemos, ao Vale do Cariri, cujas possibilidades econômicas excedem á espectativa, possuindo uma indústria regional promissora, bastando dizer que a fabricação de artefactos de couro oferece ventagens que a Capital do Estado não pode proporcionar. A perfeição dos seus calçados, equipara-se aos melhores das capitais, enquanto o seu preço oferece uma diferença a menos, superior a 50%. É assim que um calçado de acabamento perfeito e elegante, de custo de Cr$ 400,00 em Fortaleza, pode ser adquirido por Cr$ 200,00 ou 220,00, em Crato ou Joazeiro, em cujas cidades o comércio de Fortaleza compra em grande quantidade, para revender com a majoração referida. O mesmo ocorre com os trabalhos de marcenaria, cujo acabamento equipara-se, por sua resistência e bom gosto, ao das fabricas das capitais.

Ha dois niveis economicos para as classes pobres do Cariri. O primeiro tem o salário entre Cr$ 3,00 e 8,00. O segundo, entre 10,00 e 15,00, êste para os mais habeis artifices. O desequilibrio é enorme, confrontando-se os mesmos com o custo das utilidades, bastando-se assinalar que a majoração experimentada eleva-se a 150% e mais, no decurso dos últimos cinco anos. A carne, de Cr$ 2,00, passou a 4,00, o filé dos abastados é Cr$ 10,00, em Crato. A banana, de duas por Cr$ 0,10 elevou-se a duas por 0,30. O feijão vendido a Cr$ 1,60 subiu para 2,80, o milho que custava Cr$ 0,40, está por 0,80, a farinha de 0,40 está por Cr$ 0,80. Durante o inverno ha uma depressão elevada nos preços, principalmente no período intenso de safra, quando os capitalistas compram pelo menor preço a farinha, o milho, o feijão e o arroz e armazenam em seus depositos para forçar a alta entre Setembro e Janeiro.

Só a rapadura mantem a sua supremacia, porque é vendida nos engenhos, sujeitando-se ao preço do produtor.

De Setembro em deante os preços voltam á situação elevada e a sua

aquisição torna-se difícil ás classes pobres da cidade e das zonas rurais, onde os ganhos estão reduzidos e os homens se deslocam para o trabalho da agricultura algodoeira dos municípios vizinhos e, algumas vezes, na Paraíba e São Paulo.

Uma nota que bem revela a quanto atingiu a elevação do custo da vida, no Vale, é o preço de uma galinha, ha cinco anos vendida por Cr$ 5,00, hoje por 10,00. O ovo vendido dez por Cr$ 0,10, presentemente, igual quantidade por Cr$ 4,00. O boi sofreu a maior elevação que se podia esperar. Ha cinco anos, um boi custava Cr$ 300,00. Em 1943, atingiu ao elevado preço de Cr$ 800,00 e 1.000,00 o que não ocorreu sómente no Cariri, mas em todo o Ceará, em virtude das sucessivas destruições dos rebanhos pelas sêcas que, além da mortandade do gado, determina a emigração para os Estados vizinhos, donde nos vêm comprar a preços infimos, os restos de fazendas, ameaçadas de désaparecer pela fome e pela sêde.

A falta de gado generalizou-se em todo o nordeste de modo que os boiadeiros da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte vinham comprar gado nas fazendas dos Inhamuns e Jaguaribe, oferecendo preços elevadissimos, concorrendo para o despovoamento das fazendas cearenses.

A morada tornou-se, igualmente, de preços elevados. Casas alugadas a Cr$ 30,00, passaram a 100,00, nas cidades de Juazeiro e Crato. Nas demais, a elevação foi menor. O preço das diarias de hotel, de Cr$ 8,00, passaram a Cr$ 18,00 e 30,00.

Apezar de tudo o que vimos de afirmar, o Vale do Cariri continua sendo para o Ceará o seu maior centro de produção agrícola, segundo os dados que reproduzimos, vindo em segundo lugar a Serra da Ibiapaba.

Centro de convergência do homem dos sertões nordestinos que possuem em Juazeiro o Santuário das suas preferências, o Cariri recebe as populações que se deslocam em uma constante movimentação. Em meio, porém, dos grupos de sertanejos que procuram a Igreja de Juazeiro. muitos se fixam definitivamente, nas terras do Vale, determinando o seu crescimento demografico, conduzindo habitos que se transmitem ás gerações novas.

Durante as sêcas vêm dos sertões atingidos pela crise, milhares de sertanejos que barateiam o preço dos salários, ante a necessidade que têm de ganhar o pão, criando, assim uma situação difícil para os habitantes da terra. Nesses períodos ocorre, igualmente, a exportação das reservas de cereais para as regiões atingidas, escasseando nas feiras, elevando-se o preço dos mesmos fantasticamente, ante o aumento, momentaneo da população e, consequentemente, do consumo.

VIDA CULTURAL DO VALE

10 — Um dos traços mais impressionantes da vida no Vale do Cariri é o desenvolvimento das atividades educacionais. Crato e Juazeiro representam dois centros de vida cultural de elevado desenvolvimento. Ambos possuem estabelecimentos de ensino normal. Crato com uma Escola equi-

parada á Escola Normal de Fortaleza, e Juazeiro com a primeira Escola Normal Rural.

Crato é a capital do Cariri, por sua situação no Vale, por seu comércio com os demais municípios e com os Estados de Piauí, Pernambuco e Paraíba. O Ginásio de Crato, equiparado ao Pedro II, e o Colégio Santa Teresa, igualmente equiparado, são os dois centros de preparação humanista da mocidade do Cariri. O primeiro para o sexo masculino, o segundo para o feminino, têm uma matrícula global de 428 alunos.

Juazeiro realiza a maior experiência pedagógica, com a sua Escola Normal Rural. Quando ainda estava no domínio dos inquéritos o ensino rural, o Ceará instalava o primeiro estabelecimento de um tipo de ensino inteiramente novo entre nós. As dúvidas, a descrença em tôrno de uma técnica não determinada, suscitava sérias controvérsias entre os educadores do país a propósito da especialização do ensino rural e da existência de uma escola normal com um programa especializado, distinada á preparação de professores normais rurais, com o objetivo de educar as crianças sertanejas, dentro de um programa estritamente ruralista, de fixação do homem ao meio. A experiência de Juazeiro refletiu-se nos demais Estados e, no sul, o tipo de escola combatido, foi adaptado ás atividades educacionais de vários Estados. Venceu a persistência dos educadores cearense que se mantiveram na convicção de que o ensino das áreas agrícolas deve ser orientado no sentido da especialização do homem, para garantir uma produção mais eficiente, um padrão de vida mais elevado, com possibilidades para o sertanejo viver uma vida mais humana.

Outras escolas normais rurais foram instaladas em várias regiões do Estado.

No quadro geral das escolas do Cariri, encontram-se 215 estabelecimentos de ensino, 124 mantidos pelo Estado e 91 por particulares ou instituições fundadas especialmente para êsse fim.

Em 1941 as escolas do Vale do Cariri tiveram frequentando as suas classes 11.030 alunos, sendo 428 nos colégios equiparados de Crato.

Crato possui 31 escolas públicas, com 1.941 alunos, 13 particulares, com 668 crianças e 4 noturnas, com 283, perfazendo um total de 3.320 pequenos.

Juazeiro conta com 29 escolas públicas, com 1.280 alunos, 42 particulares, com 1.371, 3 noturnas, com 170 e 5 colégios particulares, com 680 crianças, perfazendo 3.510.

Missão Velha tem 17 escolas públicas com 860 alunos, 3 particulares, com 98 e 1 colégio particular, com 42 crianças, fazendo um total de 1.000 pequenos.

Caririaçú é o mais pobre de estabelecimentos de ensino, conta apenas com 2 escolas públicas, contendo 98 crianças e 1 particular, com 30 meninos, dando um total de 128 matriculas.

Barbalha é o terceiro município em matrícula. Possui 15 escolas públicas com 982 meninos, 5 particulares com 125 e 3 noturnas, com 150, sendo o total de crianças 1.215.

Jardim conta com 14 escolas públicas com 772 alunos matriculados, 5 particulares com 323 e 1 noturna com 150, dando um total de 1.195 alunos.

Brejo Santo possue 16 escolas públicas com 630 alunos e 1 colégio particular, com 32 pequenos.

Nos números apresentados estão os Grupos Escolares e as Escolas Reunidas, correspondendo os dados ao ano de 1941.

Em Crato existe um Seminário Diocesano, cuja matrícula não conseguimos obter. A sua existência data da segunda metade do século passado, 1875. Foi o primeiro centro de preparação humanista do vale. O seu funcionamento tem sofrido alternativas, acompanhando a evolução econômica e cultural da região. É um estabelecimento que serve de orgulho ás populações do Cariri, pela eficiência no preparo dos jovens que se encaminham para a vida religiosa.

Temos, assim, resumido as atividades educacionais do Vale, e concluída a presente *Memória* que é um simples relato das possibilidades que a Região oferece.

Fortaleza, Junho de 1946.